



SANGUE FRESCO

CHARLAINE HARRIS

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

*A minha gratidão e apreço vão para
as pessoas que acharam este livro uma boa ideia:
Dean James, Toni L. P. Kelner e
Gary e Susan Nowlin.*



1

Esperava o vampiro há anos quando finalmente entrou no bar. Desde que os vampiros tinham saído do caixão dois anos antes (como se costumava dizer com escárnio), esperara que um deles visitasse Bon Temps. Tínhamos todas as outras minorias na nossa pequena cidade. Porque não a mais recente? Porque não os não-mortos legalmente reconhecidos? Mas o Norte rural do Louisiana parecia não ser muito apelativo para os vampiros. Por outro lado, Nova Orleães era um verdadeiro centro de actividade vampírica (ou não tivesse Anne Rice escrito sobre o assunto).

A viagem de carro entre Bon Temps e Nova Orleães não era assim tão longa e todos os clientes do bar diziam que, atirando uma pedra na esquina de uma rua, seria quase inevitável acertar em alguém. Apesar de isso não ser aconselhável.

Mas eu continuava à espera do meu próprio vampiro.

Pode dizer-se que não saio muito. E não é por não ser bonita. Porque sou. Sou loura, tenho olhos azuis e vinte e cinco anos, as minhas pernas são fortes e o meu peito é considerável, com uma cinturinha de vespa. Fico bem na farda de Verão que Sam escolheu para as empregadas: calções pretos, camisola de manga curta branca, meias brancas, ténis *Nike* pretos.

Mas tenho uma deficiência. É assim que gosto de a referir.

Os clientes dizem que sou doída apenas.

Seja como for, o resultado é que saía pouco. Por isso, as pequenas coisas positivas na minha vida têm um valor multiplicado.

E ele, o vampiro, sentou-se numa das minhas mesas.

Percebi imediatamente o que era. Espantou-me que mais ninguém se tivesse voltado para o olhar fixamente. Não conseguiam perceber! Mas, para mim, a pele dele parecia ter um brilho ténue e foi assim que soube.

Poderia ter dançado de alegria e improvisei mesmo uma pequena coreografia junto ao balcão. Sam Merlotte, o patrão, ergueu o olhar da bebida que misturava e esboçou um leve sorriso. Peguei no tabuleiro e no bloco de notas e aproximei-me da mesa do vampiro. Esperei que o baton não estivesse borrado e que o rabo-de-cavalo continuasse impecável. Sou um pouco ansiosa e conseguia sentir um sorriso puxando-me os cantos da boca para cima.

Parecia imerso em pensamentos e pude mirá-lo de alto a baixo antes que voltasse os olhos para mim. Não chegaria ao metro e oitenta. Tinha cabelo castanho espesso penteado para trás e roçando-lhe o colarinho. As patilhas pareciam estranhamente antiquadas. Era pálido, obviamente. Afinal, estava morto, acreditando nas velhas histórias. A teoria politicamente correcta, que os próprios vampiros aprovavam de forma pública, dizia que aquele tipo fora vítima de um vírus que o deixara aparentemente morto durante um par de dias e, a partir daí, alérgico à luz do sol, à prata e ao alho. Os pormenores dependiam do jornal que se lesse. Estavam todos cheios de coisas sobre vampiros.

Os seus lábios eram encantadores e bem definidos e tinha sobrancelhas escuras arqueadas. O nariz projectava-se do arco das sobrancelhas, como o nariz de um príncipe num mosaico bizantino. Quando finalmente ergueu os olhos, vi que eram ainda mais escuros do que o cabelo e que o branco em redor era incrivelmente límpido.

— Que deseja beber? — perguntei, quase demasiado feliz para articular as palavras.

O vampiro ergueu as sobrancelhas.

— Têm aquele sangue sintético engarrafado? — perguntou.

— Não. Lamento muito. O Sam encomendou algum. Deve chegar na semana que vem.

— Então traga-me vinho tinto, por favor — disse com uma voz

calma e cristalina, como um regato correndo sobre seixos. Ri-me alto. Era demasiado perfeito.

— Não ligue à Sookie, senhor. É maluca — disse uma voz familiar, vinda do compartimento encostado à parede. Toda a minha felicidade se desvaneceu, apesar de ainda conseguir sentir o sorriso nos lábios. O vampiro fitou-me, vendo a alegria abandonar-me a expressão.

— Trago já o seu vinho — disse, afastando-me, sem sequer olhar a cara arrogante de Mack Rattray. Estava lá quase todas as noites com a mulher, Denise. Chamava-lhes Senhor e Senhora Ratazana. Desde que se mudaram para uma caravana alugada em Four Tracks Corner, esforçavam-se por me fazer a vida miserável. Esperava que partissem de Bon Temps tão subitamente como haviam chegado.

Quando entraram no *Merlotte's* pela primeira vez, cometi a indiscrição de ouvir os seus pensamentos (sim, eu sei que não é uma atitude muito elevada). Mas aborreço-me como toda a gente e, apesar de passar a maior parte do meu tempo a bloquear os pensamentos alheios que tentam infiltrar-se no meu cérebro, por vezes não consigo resistir. E foi assim que descobri algumas coisas sobre os Rattray que talvez mais ninguém soubesse. Por um lado, sabia que tinham estado presos, apesar de não saber porquê. Por outro, lera os pensamentos enojantes de Mack Rattray sobre esta vossa amiga. E, a seguir, descobri nos pensamentos de Denise que abandonara um bebé que tivera dois anos antes, um bebé que não era de Mack.

Além disto tudo, não davam gorjetas.

Sam encheu um copo com o vinho tinto da casa, olhando a mesa do vampiro enquanto o colocava no meu tabuleiro.

Quando voltou a olhar para mim, pude ver que também sabia aquilo que era o nosso novo cliente. Os olhos de Sam são tão azuis como os de Paul Newman, em contraste com os meus, de um azul mais acinzentado. Sam também é louro, mas tem o cabelo mais fino e a cor aproxima-se de um amarelo-torrado. Está sempre levemente queimado pelo sol e, apesar de parecer magro quando vestido, vi-o descarregar carrinhas sem camisa e a sua musculatura do tronco é considerável. Nunca ouço os seus pensamentos. É o patrão. Tive de me despedir de empregos por descobrir coisas sobre os patrões que preferia não ter sabido.

Sam não fez qualquer comentário e limitou-se a passar-me o vinho. Olhei o copo para me certificar de que estava perfeitamente limpo e voltei à mesa do vampiro.

— Aqui tem — disse, com cerimónia, colocando o copo com cuidado na mesa à sua frente. Voltou a olhar-me e aproveitei a oportunidade para lhe apreciar os belos olhos enquanto podia. — Bom proveito — disse-lhe, orgulhosa.

Atrás de mim, Mack Rattray berrou:

— Ei, Sookie! Precisamos de outro jarro de cerveja!

Suspirei e voltei-me para recolher o jarro vazio da mesa das Ratazanas. Reparei que Denise estava na sua melhor forma. Vestia um top revelador e calções curtos, com o emaranhado de cabelo castanho cobrindo-lhe a cabeça com madeixas atraentes. Não era realmente bonita, mas era tão exuberante e confiante que se levava algum tempo a percebê-lo.

Um pouco mais tarde, para meu desconsolo, vi que os Rattray se tinham mudado para a mesa do vampiro. Falavam com ele. Não o via responder muito, mas também não se ia embora.

— Olha para aquilo! — disse a Arlene, outra das empregadas, sem esconder o desagrado. Arlene é uma ruiva sardenta, dez anos mais velha do que eu e veterana de quatro casamentos. Tem dois filhos e, ocasionalmente, acho que me considera a sua terceira criança.

— Tipo novo, hã? — disse, com interesse limitado. Arlene namorava com Rene Lenier e, apesar de eu não conseguir perceber a atracção, parecia satisfeita. Penso que Rene foi o seu segundo marido.

— É um vampiro — disse, forçada a partilhar o meu encanto com alguém.

— A sério? Aqui? Vejam só... — comentou, sorrindo um pouco para mostrar que percebia a minha satisfação. — Não pode ser muito esperto para estar com as Ratazanas. Mas é verdade que Denise lhe está a montar um espectáculo e tanto.

Só percebi quando Arlene o referiu. É muito melhor do que eu a avaliar situações sexuais devido à sua grande experiência e à minha falta dela.

O vampiro tinha fome. Sempre ouvira dizer que o sangue sintético desenvolvido pelos japoneses conseguia assegurar a nutrição dos vampiros mas sem satisfazer a fome e era por isso que existiam «acidentes lamentáveis» de tempos a tempos. (Era esse o eufemismo vampírico para a morte sangrenta de um humano). E ali estava Denise Rattray, acariciando o pescoço, movendo a mão de um lado para o outro... Que cabra.

Jason, o meu irmão, entrou no bar nesse momento e aproximou-se para me dar um abraço. Sabe que as mulheres apreciam um

homem que é bondoso para a família e para os deficientes e abraçar-me proporciona-lhe esse benefício duplo à reputação. Não que precise de benefícios adicionais aos que possui limitando-se a ser ele próprio. É bonito. Também pode ser velhaco, mas a maioria das mulheres parece perfeitamente disposta a ignorar esse pormenor.

— Olá, mana. Como está a avó?

— Está bem. Na mesma. Vem visitá-la.

— Claro que sim. Quem está cá hoje?

— Vê por ti próprio. — Reparei que, quando Jason olhou em redor, houve um erguer de mãos femininas até ao cabelo, até às blusas e aos lábios.

— Ei. Está ali a DeeAnne. Está livre?

— Veio com um camionista de Hammond. Foi à casa de banho. É melhor teres cuidado.

Jason sorriu-me e maravilhei-me por as outras mulheres não conseguirem ver o egoísmo daquele sorriso. Até Arlene ajeitava a camisola quando Jason entrava e, após quatro maridos, devia saber alguma coisa sobre como avaliar homens. A outra empregada, Dawn, compôs o cabelo e endireitou as costas para realçar as mamas. Jason limitou-se a acenar-lhe amigavelmente. Ela fingiu um esgar de desdém. Estava chateada com Jason mas, mesmo assim, queria que ele reparasse nela.

Fiquei muito ocupada. Todos vinham ao *Merlotte's* no sábado à noite durante algum tempo e acabei por perder de vista o meu vampiro. Quando voltei a poder procurá-lo, vi que conversava com Denise. Mack olhava-o com uma expressão de tamanha avidez que me deixou preocupada.

Aproximei-me da mesa, fitando Mack. Finalmente, baixei as defesas e ouvi.

Mack e Denise tinham estado presos por drenar vampiros.

Profundamente angustiada, consegui, mesmo assim, levar um jarro de cerveja e alguns copos até uma mesa rodeada por quatro clientes ruidosos. Porque se dizia que o sangue dos vampiros conseguia aliviar temporariamente os sintomas de doença e aumentar a potência sexual, sendo uma espécie de combinação de *Prednisona* com *Viagra*, existia um grande mercado negro para o sangue de vampiro genuíno e não diluído. Em todos os mercados há fornecedores e acabara de descobrir dois: o miserável casal Ratazana. Tinham capturado e drenado vampiros, vendendo os pequenos frascos de sangue a preços que chegavam aos duzentos dólares cada um. Há dois anos que era a droga

mais apetecida. Alguns compradores enlouqueciam depois de beber sangue puro de vampiro, mas isso não diminuía a procura.

Habitualmente, os vampiros drenados não sobreviviam durante muito tempo. Os drenadores trespassavam-nos com uma estaca ou limitavam-se a abandoná-los em terreno aberto. Quando o sol nascia, era o fim. Também havia relatos ocasionais de inversão dos papéis, quando os vampiros conseguiam libertar-se e deixavam para trás os drenadores sem vida.

O meu vampiro levantava-se e saía com as Ratazanas. Mack cruzou o olhar com o meu e percebi que a minha expressão o deixava perturbado. Voltou a cara, ignorando-me como ignorava qualquer outra pessoa.

Aquilo deixava-me furiosa. Realmente furiosa.

Que deveria fazer? Enquanto tentava ultrapassar o turbilhão mental, eles saíam pela porta. O vampiro acreditaria em mim se corresse atrás deles e lhe contasse? Mais ninguém acreditava. Ou, se acreditassem, iriam odiar-me e rezear-me por ler os pensamentos escondidos na cabeça das pessoas. Arlene implorara-me para ler os pensamentos do quarto marido quando ele veio buscá-la numa noite por estar certa de que ele pensava em abandoná-la a ela e aos miúdos, mas não o fiz porque queria manter a única amiga que me restava. Não conseguira pedir-mo directamente porque isso seria admitir que eu tinha este dom, esta maldição. E as pessoas não eram capazes de o admitir. Precisavam de acreditar que era maluca. E, por vezes, era-o realmente.

Hesitei, confusa, assustada e furiosa até perceber que precisava de agir. O olhar que Mack me lançou foi a última gota. Olhou-me como se fosse um risco insignificante.

Corri até ao balcão, aproximando-me de Jason, ocupado a encantar DeeAnne. A opinião generalizada dizia que não seria necessário grande encantamento. O camionista de Hammond olhava com desagrado do lado oposto.

— Jason — disse, urgentemente. Ele voltou-se, lançando-me um olhar de aviso. — Ainda tens aquela corrente na carrinha?

— Não saio de casa sem ela — disse, languidamente, procurando sinais de perigo na minha expressão. — Vais lutar com alguém, Sookie?

Sorri-lhe, tão habituada a sorrisos falsos que a reacção me era natural.

— Espero que não — disse, alegremente.

— Precisas de ajuda? — Afinal, era meu irmão.

— Não, obrigada — disse-lhe, tentando parecer convincente. E fui ter com Arlene. — Olha, tenho de sair um pouco mais cedo. As minhas mesas têm pouca gente. Podes substituir-me? — Não me lembrava de alguma vez ter pedido tal coisa a Arlene, apesar de lhe eu a ter substituído em muitas ocasiões. Também se ofereceu para me ajudar. — Não é preciso — disse. — Se conseguir, ainda regresso. Se limpares as minhas mesas, limpo-te a caravana.

Arlene acenou avidamente com a cabeça, fazendo dançar a cabeleira ruiva.

Apontei a porta dos funcionários e fiz os dedos caminhar, indicando a Sam que me ia.

Ele acenou afirmativamente. Não parecia satisfeito.

E lá fui eu pela porta dos fundos, tentando silenciar os pés sobre a gravilha. O parque de estacionamento dos funcionários ficava nas traseiras do bar, acessível por uma porta que abria para o armazém. Estava ocupado pelo carro do cozinheiro, pelo de Arlene, pelo de Dawn e pelo meu. À minha direita, a leste, a carrinha de Sam estava parada à frente da sua caravana.

Saí do parque coberto de gravilha e passei ao alcatrão do parque de estacionamento dos clientes, que era maior, a oeste do bar. A floresta rodeava a clareira ocupada pelo *Merlotte's* e a gravilha cobria também os limites do parque. Sam mantinha-o bem iluminado e o brilho surreal dos candeeiros altos tornava tudo estranho.

Vi o carro desportivo vermelho e amolgado do Senhor e da Senhora Ratazana e percebi que estariam perto.

Finalmente, encontrei a carrinha de Jason. Era preta, decorada com chamas azuis e rosa nos lados. Adorava dar nas vistas. Aproximei-me da traseira e vasculhei na caixa, procurando a corrente de aros metálicos grossos que transportava consigo para a eventualidade de se envolver numa rixa. Puxei-a e transportei-a contra o corpo para não fazer barulho.

Pensei por um segundo. O único local vagamente sossegado para onde as Ratazanas poderiam ter atraído o vampiro era a extremidade do parque de estacionamento, onde a copa das árvores caía sobre os carros. Avancei nessa direcção, tentando mover-me com rapidez mas em silêncio.

La parando pelo caminho, pondo-me à escuta. Não tardei a ouvir um gemido e vozes difusas. Serpenteei entre os carros e avistei-os precisamente onde esperara que estivessem. O vampiro estava deitado de

costas no chão, com a face alterada pela agonia e o brilho de correntes cruzando-lhe os pulsos e prolongando-se até aos tornozelos. Prata. Havia já dois pequenos frascos de sangue no chão ao lado dos pés de Denise e, enquanto eu observava, ajustou um novo tubo de ensaio à agulha. O torniquete acima do cotovelo cravava-se cruelmente no braço.

Estavam de costas voltadas para mim e o vampiro ainda não me vira. Desembrulhei a corrente, deixando um metro solto. Quem atacaria primeiro? Eram ambos pequenos e viciosos.

Recordei o olhar de desprezo de Mack e o facto de nunca me ter deixado gorjeta. Seria ele o primeiro.

Nunca lutara com ninguém antes. De alguma forma, sentia-me ansiosa pela experiência.

Saí de trás de uma carrinha e lancei a corrente. Caiu sobre as costas de Mack, ajoelhado ao lado da vítima. Gritou e ergueu-se de um salto. Depois de um olhar rápido, Denise dedicou-se a aplicar o terceiro tubo de ensaio. A mão de Mack desceu até à bota e voltou a subir com um brilho repentino. Engoli em seco. Tinha uma faca.

— Ora bolas... — disse, sorrindo-lhe.

— Sua cabra maluca! — berrou. Parecia ávido por usar a faca. Estava demasiado concentrada para manter a barreira mental e não consegui evitar uma visão clara do que Mack me queria fazer. Enfureceu-me. Lancei-me sobre ele com toda a intenção de o ferir o mais possível. Mas estava preparado e, enquanto eu fazia girar a corrente, lançou-se para a frente com a faca. Tentou cortar-me o braço e falhou por muito pouco. A corrente rodeou-lhe o pescoço escanzelado. O grito triunfal de Mack transformou-se num gargarejo. Deixou cair a faca e segurou os aros metálicos com ambas as mãos. Sem conseguir respirar, deixou-se cair de joelhos no pavimento, puxando-me a corrente das mãos.

Lá se ia a corrente de Jason. Baixei-me e peguei na faca, segurando-a como se soubesse usá-la. Denise avançava, parecendo uma bruxa saloia, coberta pelas linhas e sombras lançadas pelas luzes de segurança.

Parou quando viu que segurava a faca de Mack. Praguejou e disse coisas terríveis. Esperei até se calar para dizer:

— Põe-te a andar. Depressa.

O olhar de ódio quase abria buracos na minha pele. Tentou levar os frascos de sangue mas disse-lhe para os deixar. Limitou-se a erguer Mack. Este continuava a debater-se para respirar e a segurar a corren-

te. Denise arrastou-o até ao carro e enfiou-o no banco do passageiro. Tirando as chaves do bolso, sentou-se ao volante.

Ouvindo o motor, percebi subitamente que as Ratazanas tinham agora outra arma. Movendo-me com rapidez inédita, corri até à cabeça do vampiro e disse-lhe:

— Empurra com os pés!

Segurei-o por baixo dos braços e puxei com toda a minha força. Ele percebeu e ajudou, movendo os pés como lhe dissera. Tínhamos chegado à linha de árvores quando o carro vermelho se lançou ruidosamente sobre nós. Denise não nos apanhou por pouco, forçada a mudar a trajectória para evitar embater num pinheiro. Em seguida, ouvi o som do motor poderoso do carro das Ratazanas a afastar-se.

— Uau! — Tentei recuperar o fôlego e ajoelhei-me ao lado do vampiro porque as pernas não conseguiam suportar-me. Inspirei profundamente durante um minuto, procurando normalizar a respiração. O vampiro moveu-se um pouco e olhei-o. Para meu horror, vi que se erguia fumo dos pulsos, nos pontos tocados pela corrente. — Ó, pobre coitado — disse, recriminando-me por não cuidar imediatamente dele. Ainda a tentar recuperar o fôlego, comecei a libertá-lo do que parecia ser uma longa e fina corrente de prata. — Coitadinho — murmurei, não me apercebendo imediatamente do absurdo do comentário. Tenho dedos ágeis e consegui libertar-lhe rapidamente os pulsos. Pensei em como as Ratazanas teriam conseguido distraí-lo para o prender com a corrente e dei comigo a corar enquanto o fazia.

O vampiro ergueu os braços até ao peito enquanto lhe libertava as pernas. Os tornozelos estavam melhor porque os drenadores não se tinham dado ao trabalho de lhe puxar as calças de ganga para cima, não colocando a corrente sobre a pele nua.

— Lamento não ter chegado mais depressa — desculpei-me. — Vais sentir-te melhor num minuto, não é? Queres que me vá embora?

— Não.

Aquilo fez-me sentir muito bem até acrescentar:

— Podem regressar e ainda não consigo enfrentá-los.

A sua voz calma parecia irregular, mas não posso dizer que ouvi a respiração acelerada.

Esbocei-lhe uma expressão azeda e, enquanto recuperava, tomei precauções. Voltei-lhe as costas, dando-lhe privacidade. Sei como é desagradável que nos observem fixamente enquanto sofremos. Sentei-me no alcatrão, vigiando o parque de estacionamento. Vários carros par-

tiram e outros chegaram, mas nenhum se aproximou de nós. Percebi pela deslocação de ar atrás de mim que o vampiro se pusera de pé.

Não falou de imediato. Voltei a cabeça para a esquerda para olhá-lo. Estava mais próximo do que pensara. Os seus grandes olhos escuros fixaram-se nos meus. Os caninos estavam retraídos. Isso desiluiu-me um pouco.

— Obrigado — disse, friamente.

Não estava eufórico por ter sido salvo por uma mulher. Típico.

Porque estava a ser tão pouco delicado, achei que também podia fazer alguma coisa rude e ouvi-o, abrindo a mente por completo.

E... não ouvi nada.

— Oh... — exclamei, percebendo o choque na minha própria voz e mal percebendo que falava em voz alta. — Não consigo ouvir-te.

— Obrigado! — repetiu o vampiro, movendo os lábios de forma exagerada.

— Não é isso... Consigo ouvir-te falar, mas... — e, na minha excitação, fiz algo que habitualmente nunca teria feito porque era demasiado pessoal e carente, revelando a minha deficiência. Voltei-me para ele, pus as mãos de ambos os lados da sua cara pálida e olhei-o fixamente. Concentrei-me com toda a minha força. Nada. Era como ser forçada a ouvir constantemente num rádio estações que não podia escolher e, de repente, sintonizar uma frequência vazia.

Era fantástico.

Os seus olhos abriam-se mais e tornavam-se mais escuros, apesar de permanecer completamente imóvel.

— Desculpa — consegui dizer, embaraçada. Afastei as mãos e recomecei a olhar o parque de estacionamento. Falei ao acaso sobre Mack e Denise, pensando constantemente em como era maravilhoso estar acompanhada por alguém que eu não conseguia ouvir a não ser que ele falasse. Como era belo o seu silêncio.

— ... achei melhor vir ver como estavas — concluí, sem ideia do que dissera antes.

— Vieste salvar-me. Foi corajoso — disse ele, com uma voz tão sedutora que teria feito DeeAnne saltar para fora das suas cuecas de *nylon* vermelho com um arrepio.

— Pára com isso — disse eu, com rispidez, como o barulho de um terramoto.

Pareceu surpreso, por um segundo, antes de a sua expressão retornar à lívida serenidade anterior.

— Não tens medo de ficar sozinha com um vampiro faminto? — perguntou, com um tom matreiro e perigoso na voz.

— Não.

— Achas que, por teres vindo salvar-me, estás segura? Que mantenho alguma sentimentalidade depois destes anos todos? É frequente que os vampiros se voltem contra quem confia neles. Não temos os mesmos valores dos humanos.

— Muitos humanos voltam-se contra quem confia neles — referi. Consigo ser pragmática. — Não sou completamente parva. — Estiquei o braço e voltei a cara. Enquanto esperava que recuperasse, enrolei a corrente das Ratazanas em redor do pescoço e dos braços.

Vi-o estremecer.

— Mas tens uma artéria apetitosa na virilha — disse, depois de fazer uma pausa para se recompor, com a voz tão sinuosa como uma serpente num escorrega.

— Nada de palavreado ordinário — disse-lhe. — Não admito isso.

Olhámo-nos novamente em silêncio. Receei não voltar a vê-lo. Afinal, aquela primeira visita ao *Merlotte's* não fora propriamente um sucesso. Tentava absorver o máximo de pormenores. Recordaria durante muito, muito tempo, aquele encontro. Era algo raro. Como um tesouro. Queria voltar a tocar-lhe a pele. Não conseguia recordar a sensação. Mas isso seria ultrapassar uma fronteira de decência e poderia ocasionar que ele fizesse algum disparate sedutor.

— Gostarias de beber o sangue que recolheram? — perguntou ele, de forma inesperada. — Seria uma maneira de mostrar a minha gratidão. — Apontou os frascos sobre o alcatrão. — Diz-se que o nosso sangue consegue melhorar a vida sexual e a saúde.

— Tenho uma saúde de ferro — disse-lhe, com toda a honestidade. — E não tenho propriamente uma vida sexual. Faz o que quiseres com ele.

— Poderias vendê-lo — sugeriu, mas achei que o fez apenas para ver o que eu diria.

— Nem sequer lhe toco — disse, insultada.

— És diferente — disse. — Tu és o quê? — Pareceu conferir uma lista mental de possibilidades pela forma como me olhava. Para minha satisfação, não consegui ouvir nada.

— Sou a Sookie Stackhouse e sou uma empregada de bar — disse-lhe. — Como te chamas? — Achei que podia perguntar aquilo sem ser atrevida.

— Bill — respondeu.

Não consegui impedir uma gargalhada.

— O vampiro Bill! — disse. — Achei que pudesses ser Antoine, Basil ou Langford! Bill! — Há muito tempo que não me ria assim. — Até à vista, Bill. Tenho de voltar para o trabalho. — Conseguia sentir o sorriso tenso regressar aos meus lábios quando pensei no *Merlotte's*. Pus a mão no ombro de Bill e ergui-me. Senti que estava rígido e endireitei-me tão rapidamente que quase cambaleei. Examinei as meias para me certificar de que estavam no sítio e procurei mazelas na farda resultantes do confronto com as Ratazanas. Sacudi o pó do rabo e acenei a Bill, iniciando a caminhada através do parque de estacionamento.

Fora uma noite estimulante, com muita coisa em que pensar. Reflectindo no assunto, sentia que o sorriso que esboçava era perfeitamente justificado.

Mas Jason ficaria muito irritado quando soubesse da corrente.

Nessa noite, depois do trabalho, regressei a casa, cerca de seis quilómetros a sul do bar. Jason partira (e DeeAnne também) quando regressei e isso fora outro elemento positivo. Passava a noite em revista quando cheguei a casa da minha avó, onde vivia. Ficava imediatamente antes do cemitério de Tall Pines que, por sua vez, se situava junto a uma estrada secundária de dois sentidos. Foi o meu tetravô que construiu a casa e gostava de privacidade. Para chegar lá, era necessário sair da estrada e passar por uma zona arborizada até à clareira em que se situava a casa.

Não é certamente nenhum monumento histórico, já que a maioria das partes mais antigas foram arrancadas e substituídas ao longo dos anos e, obviamente, tem electricidade, canalização e isolamento, todas essas comodidades modernas. Mas mantém o telhado de zinco que reflecte a luz nos dias soalheiros. Quando o telhado precisou de ser substituído, quis instalar telhas comuns, mas a minha avó não concordou. Apesar de ser eu a pagar, a casa é dela e o zinco manteve-se.

Mais ou menos histórica, vivi nesta casa desde os meus sete anos e visitava-a com frequência antes disso porque gostava muito dela. Era uma grande e velha casa de família, demasiado grande apenas para a avó e para mim. Tinha uma fachada ampla, antecedida por um alpendre coberto e estava pintada de branco, de acordo com as convicções tradicionalistas da minha avó. Atravessei a grande sala de estar, decorada com mobiliário velho remendado para servir as nossas necessida-

des, alcançando o corredor e percorrendo-o até ao primeiro quarto à esquerda, o maior de todos.

Adele Hale Stackhouse, a minha avó, estava recostada na sua cama alta, com uma torre de almofadas por trás dos ombros magros. Vestia uma camisa de noite de algodão com mangas longas, mesmo com o ar quente daquela noite de Primavera. Tinha o candeeiro da mesa-de-cabeceira ligado e um livro aberto no colo.

— Olá — disse-lhe.

— Olá, querida.

A minha avó é muito pequena e muito velha, mas o cabelo continua espesso e tão branco que quase adquire uma muito ligeira tonalidade esverdeada. Prende-o junto ao pescoço durante o dia, mas, à noite, solta-o ou faz uma trança. Olhei a capa do livro.

— Outra vez a ler a Danielle Steel?

— Esta mulher sabe como contar uma história. — Os maiores prazeres na sua vida eram ler livros de Danielle Steele, ver as suas telenovelas (a que chamava «histórias») e participar em reuniões da miríade de clubes a que parecera ter pertencido durante toda a sua vida adulta. Os seus preferidos eram os Descendentes dos Mortos Gloriosos e a Sociedade de Jardinagem de Bon Temps.

— Consegues adivinhar o que aconteceu hoje? — perguntei.

— O que foi? Tens um encontro?

— Não — respondi, esforçando-me por manter o sorriso. — Um vampiro veio ao bar.

— Oh! Tinha caninos aguçados?

Vira-os reflectindo a luz dos candeeiros do parque de estacionamento enquanto as Ratazanas o drenavam, mas não era necessário descrever-lhos.

— Claro. Mas estavam retraídos.

— Um vampiro em Bon Temps. — Notava-se que estava agradada. — Mordeu alguém no bar?

— Claro que não, avó! Sentou-se e bebeu um copo de vinho tinto. Bom... pediu-o, mas não bebeu. Acho que só queria companhia.

— Onde será que ele dorme?

— Duvido que o partilhasse com alguém.

— Não — disse, depois de pensar por um momento. — Não me parece que partilhasse. Gostaste dele?

Ali estava uma pergunta complicada. Pensei antes de responder.

— Não sei. Mas era muito interessante — disse, com cautela.

— Gostava muito de o conhecer. — Não me surpreendia que dissesse isto porque gostava de novidades quase tanto como eu. Não pensava como aqueles reaccionários que determinaram logo à partida que os vampiros eram malditos. — Mas é melhor ir dormir. Estava à espera que chegasses antes de apagar a luz.

Debrucei-me para a beijar e disse:

— Boa noite.

Fechei a porta até meio quando saí e ouvi-a desligar o candeeiro. Tina, a minha gata, aproximou-se do sítio onde deveria estar a dormir e roçou-se nas minhas pernas. Peguei-lhe e acariciei-a durante um momento antes de a levar até à rua, onde passaria a noite. Olhei o relógio. Eram quase duas da manhã e a minha cama chamava-me.

O meu quarto ficava à frente do da avó, do outro lado do corredor. Quando lá dormi pela primeira vez, depois da morte dos meus pais, a minha avó trouxe a minha mobília da casa deles para me ambientar melhor. E ali continuava. A cama de solteiro, a mesa e o espelho em madeira pintada de branco, a pequena cómoda.

Apaguei a luz e fechei a porta antes de começar a despir-me. Tinha pelo menos cinco pares de calções pretos e muitas camisolas de manga curta brancas porque estas se manchavam com facilidade. E o número de pares de meias brancas enrolados numa gaveta era impossível de determinar. Não precisaria de lavar roupa naquela noite. Estava demasiado cansada para um duche. Escovei os dentes e limpei a maquilhagem da cara, aplicando hidratante e soltando o cabelo.

Enfiei-me na cama com a minha camisola preferida do Rato Mickey, que me chegava quase aos joelhos. Voltei-me para o lado, como sempre fazia, e apreciei o silêncio do quarto. A maior parte dos cérebros desligava-se durante a noite e a vibração desaparecia. Deixava de ser necessário repelir intrusões. Com aquela paz, podia pensar apenas nos olhos escuros do vampiro antes de a exaustão trazer um sono profundo.

À hora de almoço no dia seguinte estava sentada na minha cadeira reclinável em alumínio no quintal da frente, deixando que o sol me bronzeasse a pele. Vestia o meu biquíni preferido e agradava-me muito que estivesse um pouco mais folgado do que no Verão anterior.

Foi então que ouvi um carro subir a estrada e a carrinha preta de Jason com a decoração azul e rosa parou a um metro dos meus pés.

Jason desceu (esqueci-me de referir que a carrinha tem daqueles pneus altos) e caminhou até junto de mim. Vestia a roupa de trabalho habitual, camisa e calças caqui, com a faca embainhada presa ao cinto, como sucedia com a maior parte dos trabalhadores rodoviários do condado. Percebi que estava irritado pela forma como se movia.

Pus os óculos escuros.

— Porque não me disseste que espancaste os Rattray ontem à noite? — Deixou-se cair sobre a cadeira de jardim a meu lado. — Onde está a avó? — perguntou, fora de tempo.

— A pendurar a roupa — respondi. Usava a máquina de secar quando necessário, mas agradava-lhe pendurar as roupas molhadas ao sol. Obviamente, o arame da roupa ficava no quintal dos fundos, o local onde deveria estar. — E também faz o almoço. Bife grelhado com as batatas-doces e o feijão-verde que semeou no ano passado — acrescentei, sabendo que isso o distrairia um pouco. Esperei que a avó ficasse nas traseiras. Não queria que ouvisse aquela conversa. — Fala baixo — disse-lhe.

— O Rene Lenier mal podia esperar que chegasse ao trabalho hoje de manhã para me contar tudo. Foi à caravana dos Rattray para comprar erva ontem à noite e Denise parecia capaz de matar alguém. O Rene diz que escapou por pouco, tal era a fúria. Teve de ajudar a levar Mack para dentro da caravana e, depois, levaram-no ao hospital em Monroe. — Jason olhou-me com ar de reprovação.

— O Rene contou-te que o Mack me atacou com uma faca? — perguntei, decidindo que passar à ofensiva seria a melhor forma de lidar com a situação. Conseguia perceber que o desagrado de Jason se devia sobretudo ao facto de ter sabido por terceiros.

— Se a Denise falou disso ao Rene, ele não me disse nada — disse, lentamente, e vi a raiva alterar-lhe a face vistosa. — Atacou-te com uma faca?

— E tive de me defender — continuei, como se fosse uma questão simples. — Além disso, ele ficou com a tua corrente. — Era a verdade, ainda que um pouco manipulada. — Fui dizer-te — continuei —, mas, quando voltei ao bar, tinhas ido embora com a DeeAnne e, como estava bem, achei que não valeria a pena procurar-te. Sabia que te sentirias obrigado a procurá-lo se te falasse da faca — acrescentei, com diplomacia. Havia muita verdade naquela afirmação. Jason adorava uma boa zaragata.

— E que fazias tu com eles afinal? — perguntou, mas estava mais tranquilo e eu sabia que ele começava a aceitar.

— Sabias que, além de venderem droga, as Ratazanas drenam vampiros?

Agora estava fascinado.

— Não. E então?

— Um dos meus clientes ontem à noite era um vampiro e estavam a drená-lo no parque de estacionamento do *Merlotte's*! Tinha de fazer alguma coisa.

— Há um vampiro em Bon Temps?

— Sim. Mesmo que não queiras um vampiro como melhor amigo, não podes deixar que lixo como as Ratazanas o drenem. Não é o mesmo que tirar a gasolina de um carro. E tê-lo-iam deixado na floresta para morrer. — Apesar de não terem partilhado comigo as suas intenções, era esse o meu palpite. Mesmo que o cobrissem para sobreviver até ao nascer do sol, um vampiro drenado levava pelo menos vinte anos a recuperar. Pelo menos, foi isso que disseram na *Oprah*. E só se houver outro vampiro a cuidar dele.

— O vampiro estava no bar enquanto lá estive? — perguntou Jason, espantado.

— Sim. O tipo de cabelo escuro sentado com as Ratazanas.

A minha alcunha para os Rattray fez Jason sorrir. Mas ainda não estava disposto a passar à frente da noite anterior.

— Como soubeste que era um vampiro? — perguntou, mas, quando me olhou, percebi que preferia ter ficado calado.

— Soube — disse, com a minha voz mais neutra.

— Claro. — E partilhámos um diálogo completo sem palavras.

— Homulka não tem um vampiro — disse Jason, pensativo. Inclinou a cara para apanhar sol e soube que pisávamos terreno perigoso.

— É verdade — concordei.

Homulka era a cidade que Bon Temps adorava odiar. Há inúmeras gerações que éramos rivais no futebol americano, no basquetebol e na importância histórica.

— Nem Roedale — disse a avó atrás de nós, fazendo-nos saltar aos dois. Reconheço a Jason o mérito de abraçar a avó de cada vez que a vê.

— Avó, tem comida que chegue para mim?

— Para ti e para mais dois iguais — respondeu, sorrindo-lhe. Conhecia os seus defeitos (e também os meus), mas amava-o. — Falava

ao telefone com a Everlee Mason. Contou-me que passaste a noite com a DeeAnne.

— Bolas. Não posso fazer nada nesta cidade sem ser apanhado — disse Jason, fingendo-se irritado.

— Essa DeeAnne — disse a avó em tom de aviso quando começámos a dirigir-nos para casa — já ficou grávida pelo menos uma vez. Toma cuidado para não lhe acontecer o mesmo contigo ou acabarás a pagar-lhe para o resto da vida. Ainda que talvez seja essa a única forma de ter netos!

A comida esperava-nos sobre a mesa e, depois de Jason pendurar o chapéu, sentámo-nos e demos graças. A avó e Jason começaram a trocar mexericos (apesar de preferirem chamar-lhe «pôr a conversa em dia») sobre as pessoas da nossa pequena cidade e do condado circundante. O meu irmão trabalhava para o estado como supervisor de equipas de construção e reparação de estradas. Parecia-me que o dia de Jason consistia em guiar uma carrinha do estado, picando o ponto e guiando a sua carrinha própria durante toda a noite. Rene fazia parte de uma das equipas a cargo de Jason e tinham andado juntos no liceu. Passavam muito tempo com Hoyt Fortenberry.

— Sookie, tive de substituir o esquentador em casa — disse Jason, subitamente. Vivia na casa que pertenceu aos nossos pais, onde vivíamos quando morreram numa inundação. Passámos a viver com a avó depois disso, mas, quando Jason acabou os seus dois anos de universidade e foi trabalhar para o estado, mudou-se para a velha casa, mesmo que, oficialmente, metade me pertença.

— Precisas de dinheiro? — perguntei.

— Não. Está tudo bem,

Ambos trabalhávamos, mas recebíamos dinheiro adicional de um fundo estabelecido quando se descobriu um poço de petróleo na propriedade dos nossos pais. O poço esgotou-se pouco depois, mas os nossos pais e a avó certificaram-se de que o dinheiro seria investido. Esse rendimento salvou-nos aos dois de muitas dificuldades. Não sei como a avó teria conseguido criar-nos de outra forma. Ela estava determinada a não vender o terreno, mas o seu rendimento provinha quase exclusivamente da segurança social. Era uma razão para eu não arranjar um apartamento. Se comprasse comida enquanto vivia com ela, parecer-lhe-ia razoável, mas se comprasse comida e lha trouxesse, deixando-a na mesa antes de ir para uma casa própria, passaria a ser caridade e ela ficaria furiosa.

— Que tipo de esquentador compraste? — perguntei, apenas para mostrar interesse.

Estava ansioso por me dizer. Jason tinha a mania dos electrodomésticos e queria descrever em pormenor a sua busca comparativa por um novo esquentador. Ouvi com a atenção que consegui reunir.

Até que se interrompeu a si próprio.

— Sook, lembras-te da Maudette Pickens?

— Claro — respondi, surpreendida. — Acabámos o liceu no mesmo ano.

— Alguém a matou no apartamento ontem à noite.

Aquilo chocou-me a mim e à avó.

— Quando? — perguntou ela, intrigada por ainda não saber do assunto.

— Encontraram-na hoje de manhã no quarto. O patrão tentou ligar-lhe para descobrir porque não tinha vindo trabalhar ontem e hoje e ninguém atendeu. Foi até lá e pediu ao proprietário para abrir a porta. O apartamento dela é à frente do de DeeAnne. — Bon Temps tinha apenas um complexo de apartamentos legítimo, três edifícios de dois andares dispostos em U. Sabíamos exactamente a que se referia.

— Mataram-na aí? — Senti-me mal. Lembrava-me muito bem de Maudette. Tinha um queixo saliente e um rabo quadrado, cabelo preto bonito e ombros largos. Subsistia sem grandes ambições ou inteligência. Não estava segura, mas parecia-me que trabalhara no *Grabbit Kwik*, uma mistura de estação de serviço com loja de conveniência.

— Sim. Acho que trabalhava lá há pelo menos um ano — confirmou Jason.

— Como foi? — A avó tinha aquela expressão receosa e incerta com que as pessoas simpáticas pedem más notícias.

— Tinha marcas de vampiro na... hmm... na parte interior das coxas — disse o meu irmão, olhando para o prato. — Mas não foi isso que a matou. Foi estrangulada. A DeeAnne contou-me que a Maudette gostava de ir àquele bar de vampiros em Shreveport quando tinha uns dias de folga. Talvez isso explique as marcas. Pode não ter sido o vampiro da Sookie.

— A Maudette era vampirófila? — Senti-me estranha ao imaginar a lenta e anafada Maudette dentro dos bizarros vestidos pretos que as vampirófilas costumavam usar.

— Era o quê? — perguntou a avó. Devia ter perdido o episódio da *Sally Jessy* em que o fenómeno foi explorado.

— São homens e mulheres que convivem com vampiros e gostam de ser mordidos. Fãs de vampiros. Acho que não duram muito tempo porque querem ser mordidos com demasiada avidez e, mais cedo ou mais tarde, há uma dentada que acaba por ir longe demais.

— Mas não foi uma dentada a matar a Maudette. — A avó queria certificar-se de que tinha compreendido bem.

— Não. Foi estrangulada. — Jason terminava o almoço.

— Não abasteces a carrinha no *Grabbit*? — perguntei eu.

— Claro. Muitos o fazem.

— E não passaste algum tempo com a Maudette? — perguntou a avó.

— Sim. De certa forma — respondeu Jason com cautela.

Interpretei aquilo como confirmação de que dormia com Maudette quando não conseguia encontrar ninguém melhor.

— Espero que o xerife não queira falar contigo — disse a avó, abanando a cabeça como se o gesto conseguisse torná-lo menos provável.

— O quê? — Jason ficou vermelho e pareceu assumir uma postura defensiva.

— Vias a Maudette todos os dias quando ias abastecer-te de gasolina, namoravas com ela de certa forma e ela aparece morta num apartamento que conheces bem — resumi-lhe a situação. Não era muito, mas era alguma coisa e havia muito poucos homicídios misteriosos em Bon Temps, fazendo-me pensar que todas as hipóteses seriam ponderadas na investigação daquele.

— Não sou o único a cumprir esses requisitos. Há muitos outros tipos a meter gasolina no mesmo sítio e todos conheciam a Maudette.

— Sim, mas em que sentido? — perguntou a avó, sem rodeios. — Não era uma prostituta, pois não? Terá falado a alguém sobre os homens na sua vida.

— Gostava de se divertir. Mas não era profissional. — Era simpático de Jason defender Maudette, levando em consideração o que conhecia da sua personalidade egoísta. Comecei a ter uma opinião um pouco melhor do meu irmão mais velho. — Acho que se sentia sozinha — acrescentou.

Jason olhou-nos a ambas e viu que estávamos surpresas e como-vidas.

— Falando em prostitutas — disse, prontamente —, há uma em Monroe especializada em vampiros. Tem um tipo por perto com uma estaca para o caso de algum ir longe demais. Bebe sangue sintético para garantir abastecimento constante.

Era uma mudança de assunto demasiado brusca. A avó e eu tentámos pensar numa pergunta que pudéssemos colocar que não fosse indecente.

— Quanto será que cobra? — atrevi-me. E, quando Jason partilhou a quantia que ouvira referir, ficámos as duas chocadas.

Ultrapassado o assunto do homicídio de Maudette, o almoço decorreu como era habitual, com Jason olhando o relógio e exclamando que precisava de se ir embora quando chegou a altura de lavar os pratos.

Mas descobri que a mente da avó continuava povoada por vampiros. Veio ao meu quarto mais tarde, quando eu aplicava a maquilhagem para ir trabalhar.

— Que idade achas que tem o vampiro que conheceste?

— Não faço ideia, avó. — Aplicava o rímel, abrindo muito os olhos e tentando manter-me imóvel para não espetar um olho. Isto alterou-me a voz, fazendo-me parecer alguém que prestava provas para um filme de terror.

— Achas que... poderá lembrar-se da guerra?

Não precisei de perguntar a que guerra se referia. Afinal, a avó era membro destacado dos Descendentes dos Mortos Gloriosos.

— É possível — respondi, voltando a cara para me certificar de que o *rouge* estava igualmente distribuído dos dois lados.

— Achas que aceitará vir falar connosco sobre o assunto? Poderíamos organizar uma reunião especial.

— De noite — recordei.

— Ah. Sim, teria de ser de noite. — Os Descendentes costumavam reunir-se ao meio-dia na biblioteca, trazendo o almoço de casa.

Pensei no assunto. Seria indelicado sugerir ao vampiro que deveria falar no clube da minha avó porque o salvara dos drenadores, mas talvez se oferecesse ao perceber a dica. Não me agradava, mas fá-lo-ia pela avó.

— Pergunto-lhe da próxima vez que vier ao bar — prometi.

— No mínimo, podia vir falar comigo e talvez pudesse gravar as suas memórias — disse ela. Quase conseguia ouvir o que lhe passava pela cabeça, imaginando o quanto aquilo lhe agradaria. — Seria muito interessante para os outros membros — disse, mantendo-se comedida.

Consegui suprimir uma gargalhada.

— Vou sugerir-lho — disse. — Veremos.

Quando saí, era óbvio que a avó contava com os ovos dentro da galinha.

Não esperei que Rene Lenier contasse a história do parque de estacionamento ao Sam. Ele tinha estado muito ocupado. Quando cheguei ao trabalho nessa tarde, presumi que a agitação que sentia no ar se devesse ao homicídio de Maudette. Estava enganada.

Sam empurrou-me para o armazém logo que cheguei. Estava furioso e não tentava escondê-lo.

Era a primeira vez que me falava naquele tom e não tardei a estar prestes a chorar.

— Se achas que um cliente corre perigo, apenas tens que dizer-me e serei eu a lidar com o assunto. Não tu — repetia-o pela sexta vez quando percebi finalmente que Sam receara pela minha segurança.

Ouvi-o antes de lhe bloquear os pensamentos. Ler a mente do patrão pode ser desastroso.

Nunca me tinha ocorrido pedir ajuda a Sam ou a qualquer outra pessoa.

— Quando te parecer que alguém está a ser agredido no parque de estacionamento, deves chamar a polícia e não lidar com o assunto sozinha — bradou. A sua pele clara, sempre corada, estava mais vermelha do que o habitual, e o cabelo louro parecia não ter sido penteado.

— Está bem — disse, tentando manter a voz estável e abrindo muito os olhos para travar as lágrimas. — Vais despedir-me?

— Não! Não! — exclamou, parecendo ainda mais irritado. — Não te quero perder! — Segurou-me pelos ombros e abanou-me um pouco. A seguir, olhou-me fixamente com aqueles olhos azuis intensos e senti o calor que dele emanava. O toque acelera a minha deficiência, tornando imperativo que ouça a pessoa que me toca. Olhei-o nos olhos por um longo momento antes de me recompor, dando um passo atrás quando baixou as mãos.

Dei meia volta e saí do armazém, assustada.

Descobrira algumas coisas desconcertantes. Sam desejava-me e não conseguia ouvir os seus pensamentos com a mesma clareza dos pensamentos dos outros. Captara ondas de sentimento, mas nenhum pensamento. Assemelhava-se mais a usar um daqueles anéis que mu-

dam de cor conforme a posição em que observam, do que a receber um fax.

E que fiz eu com essas informações?

Absolutamente nada.

Nunca vira Sam como potencial companheiro de cama, pelo menos não para mim, por várias razões. Mas a mais simples era o facto de nunca olhar ninguém dessa forma. Não por não ter hormonas (tenho-as em grande número), mas são constantemente reprimidas porque, para mim, o sexo é um desastre. Conseguem imaginar saber tudo o que o vosso parceiro pensa? Pois. Coisas como: «Bolas, olhem este sinal... o rabo dela é um pouco grande... gostava que se movesse um pouco para a direita... porque não percebe a indirecta e...?» Dá para perceber. Acreditem quando vos digo que é tenebroso a nível emocional. E, durante o sexo, não há forma de manter as defesas elevadas.

Além disso, gosto de Sam como patrão e gosto do meu emprego, que me permite sair e me mantém activa e a ganhar dinheiro, impedindo-me de me transformar na reclusa que a minha avó receia. Trabalhar num escritório é difícil para mim e a universidade tornou-se impossível devido aos níveis de concentração exigidos. Esgotava-me.

Tentaria acalmar o desejo que sentia vindo dele. Não se tinha declarado nem me tinha atirado ao chão do armazém. Captara os seus sentimentos e podia ignorá-los se quisesse. Compreendia a delicadeza do assunto e questionava-me se Sam me teria tocado de propósito, como se soubesse aquilo que eu era.

Tive o cuidado de não ficar sozinha com ele, mas tenho de admitir que, nessa noite, me senti muito abalada.

As duas noites seguintes foram melhores. Voltámos à nossa relação confortável. Senti-me aliviada. Senti-me desiludida. E também me senti esgotada porque a morte de Maudette desencadeou um aumento da clientela do *Merlotte's*. Circulavam vários tipos de rumores por Bon Temps e uma equipa de reportagem de Shreveport fez uma reportagem breve sobre o homicídio sinistro de Maudette Pickens. Apesar de não ter ido ao funeral, a minha avó foi e contou-me que a igreja estava apinhada. A pobre Maudette anafada, com as suas coxas mordidas, era mais interessante morta do que alguma vez fora em vida.

Estava quase a ter dois dias de folga e preocupou-me não conseguir contactar Bill, o vampiro. Precisava de lhe transmitir o pedido da avó. Não voltara ao bar e começava a questionar-me se ele o faria.

Mack e Denise também não tinham voltado, mas Rene Lenier e Hoyt Fortenberry certificaram-se de que eu soubesse que tinham ameaçado fazer-me coisas terríveis. Não posso dizer que me tenha sentido grandemente alarmada. Lixo criminoso como as Ratazanas vagueava pelas estradas e parques de caravanas da América, não sendo suficientemente inteligentes para se fixarem num local nem para adoptar formas de vida produtivas. Não deixavam qualquer marca positiva no mundo e achava-os insignificantes. Ignorei os avisos de Rene.

Mas ele gostava de os transmitir. Rene Lenier era baixo como Sam, mas, enquanto Sam era louro e corado, Rene era moreno e tinha a cabeça coberta de cabelo áspero e preto com alguns traços grisalhos. Vinha com frequência ao bar para um copo e para visitar Arlene porque (como gostava de contar) era a sua ex-mulher preferida. Tivera três. Hoyt Fortenberry era mais discreto que Rene. Não era louro nem moreno, nem alto nem baixo. Parecia sempre bem-disposto e dava gorjetas decentes. Admirava o meu irmão muito além do que, na minha opinião, Jason merecia.

Fiquei feliz por Rene e Hoyt não estarem presentes na noite em que o vampiro regressou.

Sentou-se à mesma mesa.

Agora que o tinha à minha frente, senti-me algo envergonhada. Percebi que esquecera o brilho quase imperceptível da sua pele. Exagerara a sua altura nas minhas memórias e também a definição das linhas da boca.

— Que queres beber? — perguntei.

Olhou-me. Esquecera também a profundidade do seu olhar. Não sorriu nem pestanejou. Permaneceu imóvel. Pela segunda vez, deixei-me acalmar pelo seu silêncio. Quando baixei a guarda, consegui sentir a expressão suavizar. Era tão bom como ser massajada (suponho).

— Tu és o quê? — perguntou-me. Era a segunda vez que tentava saber.

— Sou uma empregada — disse, voltando a fingir não o ter compreendido. Conseguia sentir o sorriso a regressar à cara. A minha partícula de paz desaparecera.

— Vinho tinto — pediu. E, se estava desiludido, não consegui percebê-lo pela voz.

— Claro — disse. — O sangue sintético deve chegar amanhã. Posso falar contigo depois do trabalho? Tenho um favor a pedir-te.

— Com certeza. Estou em dívida. — E não parecia agradar-lhe.

— Não é um favor para mim! — Também eu começava a ficar irritada. — É para a minha avó. Se estiveres acordado quando sair do trabalho... bom... acho que estarás acordado à uma e meia, importa-te de vir ter comigo à porta dos funcionários nas traseiras do bar? — Indiquei-a com a cabeça e senti o rabo-de-cavalo dançar-me sobre os ombros. Os olhos dele seguiram o movimento do meu cabelo.

— Com todo o gosto.

Não percebi se aquilo era uma manifestação da cortesia que a avó insistia ser o padrão no passado ou se estava apenas a gozar comigo.

Resisti à tentação de lhe deitar a língua de fora. Voltei-lhe as costas e caminhei até ao balcão. Quando lhe trouxe o vinho, deu-me uma gorjeta de vinte por cento. Pouco depois, olhei para a sua mesa, descobrindo que tinha desaparecido. Eu pensava se ele iria ou não cumprir a promessa.

Arlene e Dawn saíram antes que estivesse pronta. Sobretudo porque os suportes de guardanapos da minha zona estavam parcialmente vazios. Quando fui buscar a mala ao armário no gabinete do Sam, onde a guardo enquanto trabalho, disse adeus ao patrão. Ouvia-o na casa de banho dos homens, provavelmente tentando arranjar uma sanita com fugas. Entrei na casa de banho das senhoras por um segundo para conferir o estado do cabelo e da maquilhagem.

Quando saí, reparei que Sam já tinha desligado as luzes do parque de estacionamento dos clientes. E era apenas a luz de segurança no poste de electricidade à frente da sua caravana que iluminava o parque vazio dos empregados. Para diversão de Arlene e Dawn, Sam criara um jardim à frente da caravana, plantando buxo, e era constantemente provocado pelo aprumo da sua sebe.

Eu achava que era bonito.

Como sempre, a carrinha de Sam estava estacionada junto à caravana e o meu carro era o único no parque.

Estiquei-me, olhei para um lado e para o outro. Não havia sinais de Bill. Surpreendeu-me que me sentisse tão desiludida. Esperara realmente que fosse cortês, mesmo que não o sentisse no coração (teria coração?).

Sorrindo, pensei que talvez saltasse de uma árvore ou surgisse do nada com um estrondo! À minha frente, enrolado numa capa preta com forro vermelho. Mas nada aconteceu. Por isso, fui até ao carro.

Esperara uma surpresa, mas não aquela.

Mack Rattray ergueu-se por trás do meu carro e, com um passo, ficou suficientemente próximo para me atingir no queixo. Ele não conteve a força e caí sobre a gravilha como um saco de cimento. Gritei ao cair, mas o chão roubou-me o fôlego e alguns pedaços de pele. Fiquei calada, sem fôlego e indefesa. A seguir, vi Denise recuando a bota pesada e consegui apenas enrolar-me antes de os Rattray começarem a pontapear-me.

A dor foi imediata, intensa e implacável. Lancei instintivamente os braços sobre a cara, absorvendo os golpes com os antebraços, pernas e costas.

Durante os primeiros segundos, acho que acreditei que parariam, insultando-me e ameaçando-me antes de partirem. Mas recordo o momento exacto em que percebi que queriam matar-me.

Podia ficar ali deitada, aceitando passivamente o espancamento, mas não deixaria que me matassem.

Segurei a perna que se aproximou em seguida com toda a força. Tentava mordê-la, esperando deixar pelo menos uma marca. Nem sequer sabia a quem pertencia.

Então, por trás de mim, ouvi um rosnado. Pensei que tinham trazido um cão. O rosnado era decididamente hostil. Se tivesse tido tempo para reagir devidamente, o cabelo da nuca ter-se-ia arrepiado.

Senti mais um pontapé nas costas e o espancamento parou.

O último pontapé provocara um efeito terrível. Conseguia ouvir a minha respiração dificultada e um estranho ruído gorgolejante que parecia vir dos pulmões.

— Que raio é aquilo? — perguntou Mack Rattray, parecendo assustado.

Voltei a ouvir o rosnado atrás de mim. E, de outra direcção, ouvi uma espécie de rugido. Denise começou a gritar e Mack praguejava. Denise afastou a perna das minhas mãos, que tinham perdido a força que lhes restava. Os meus braços caíram ao chão. Pareciam estar fora do meu controlo. Apesar de ter a visão enevoada, conseguia ver que o braço direito estava partido. Sentia a cara húmida. Assustava-me continuar a avaliar os meus ferimentos.

Mack começou a gritar, juntando-se a Denise e parecia haver um turbilhão de actividade em meu redor, mas não me conseguia mover. Via apenas o braço partido, os joelhos esfolados e a escuridão por baixo do carro.

Algum tempo depois, houve silêncio. Atrás de mim, um cão gania. Um nariz frio tocou-me a orelha e uma língua quente lambeu-a.

Tentei erguer a mão para acariciar o animal que me teria salvo a vida, mas não consegui. Ouvi-me suspirar. Parecia vir de muito longe.

Aceitando os factos, disse:

— Estou a morrer.

Começou a parecer-me cada vez mais real. Os sapos e os grilos que cantavam a noite silenciaram-se com toda a actividade e barulho no parque de estacionamento e a minha voz fraca ampliou-se na escuridão. Estranhamente, ouvi duas vozes depois disso.

Em seguida, dois joelhos cobertos de ganga azul ensanguentada entraram no meu campo visual. O vampiro Bill debruçou-se e consegui ver-lhe a cara. Tinha a boca manchada de sangue e os caninos expostos, brilhando na sua brancura contra o lábio inferior. Tentei sorrir-lhe, mas a cara não me obedecia.

— Vou pegar-te ao colo — disse Bill. Parecia calmo.

— Se o fizeres, morro — murmurei.

Olhou-me com atenção.

— Ainda não — disse, finda a avaliação. Estranhamente, aquilo fez-me sentir melhor. Pensei que seria impossível determinar quantos ferimentos tinha visto durante a vida. — Isto vai doer — advertiu-me.

Era difícil imaginar algo que não doesse.

Os seus braços deslizaram por baixo de mim, não me dando tempo para sentir medo. Gritei, mas sem conseguir grande efeito.

— Rápido — disse uma voz urgente.

— Vamos para a floresta, para onde não nos consigam ver — disse Bill, aninhando o meu corpo contra si, como se não pesasse nada.

Iria enterrar-me, longe da vista? Depois de me ter salvo das Ratanas? Quase não me importava.

O alívio foi pouco quando me deitou sobre um tapete de agulhas de pinheiro na escuridão da floresta. À distância, conseguia ver o brilho do parque de estacionamento. Senti o sangue pingar-me do cabelo, uma dor no braço partido e a agonia provocada pelos golpes, mas o mais assustador era o que não sentia.

Não sentia as pernas.

Sentia a barriga cheia e pesada. A expressão «hemorragia interna» alojou-se no meu pensamento.

— Morrerás se não fizeres o que te digo — disse-me Bill.

— Desculpa, mas não quero ser vampira — disse, com voz débil.

— Não serás — insistiu, com delicadeza. — Vais curar-te. Rapidamente. Eu tenho a cura. Mas terás de a aceitar.

— Então cura-me — sussurrei. — Estou a ir-me. — Sentia a escuridão puxar-me.

No pequeno recanto da minha mente que ainda recebia sinais do mundo, ouvi Bill grunhir como se tivesse sido ferido. A seguir, alguma coisa foi pressionada contra a minha boca.

— Bebe — disse.

Tentei colocar a língua de fora e consegui. Bill sangrava e apertava o pulso para forçar o fluxo de sangue para a minha boca. Lutei contra o vômito. Mas queria viver. Forcei-me a engolir. E a engolir novamente.

Subitamente, o sangue passou a saber bem. Salgado. A essência da vida. O meu braço intacto ergueu-se e a mão rodeou o pulso do vampiro, prendendo-o à minha boca. Sentia-me melhor com cada gole. E, após um minuto, deixei-me adormecer.

Quando acordei, continuava na floresta, deitada no chão. Alguém estava deitado a meu lado. Era o vampiro. Conseguia perceber o seu brilho. Conseguia sentir a sua língua movendo-se sobre a minha cabeça. Lambia-me a ferida. Não podia repreendê-lo.

— O meu sabor é diferente do das outras pessoas? — perguntei.

— Sim — disse, com voz grave. — Tu és o quê?

Era a terceira vez que me perguntava. A minha avó costumava dizer que à terceira era de vez.

— Ei, não estou morta — disse. Recordei subitamente que esperara o fim. Abanei o braço, o que fora partido. Estava fraco, mas já não se dobrava por onde não devia. Conseguia sentir as pernas e também as abanei. Tentei inspirar e agradou-me que o resultado fosse apenas uma dor ligeira. Esforcei-me por me sentar. Foi difícil, mas não impossível. Era como o primeiro dia sem febre depois da pneumonia que me afectou em criança. Sentia-me frágil, mas eufórica. Sabia que sobrevivera a algo horrível.

Antes de acabar de me endireitar, rodeou-me com os braços e apertou-me contra ele. Encostou-se a uma árvore. Senti-me muito confortável no seu colo, com a cabeça contra o peito dele.

— Telepata. É isso que sou — disse. — Consigo ouvir os pensamentos dos outros.

— Até os meus? — Parecia apenas curioso.

— Não. É por isso que gosto tanto de ti — disse, flutuando num mar de bem-estar em tons de rosa. Não via motivo para esconder o que pensava.

Senti-lhe o peito estremecer quando se riu. A gargalhada parecia algo enferrujada.

— Não consigo ouvir nada teu — continuei, em tom encantado. — Não fazes ideia de como isso é tranquilizante. Depois de uma vida inteira de blá, blá, blá... não ouço nada.

— Como consegues sair com homens? Com homens da tua idade, cujo único pensamento será certamente encontrar forma de te levar para a cama.

— Não consigo. É simples. E, francamente, acho que só pensam em levar as mulheres para a cama em qualquer idade. Não saio com ninguém. Todos acham que sou maluca porque não lhes consigo dizer a verdade. E a verdade é que todos aqueles pensamentos, todas aquelas mentes me deixam à beira da loucura. Tive alguns encontros quando comecei a trabalhar no bar com tipos que não me conheciam. Mas era sempre o mesmo. É impossível concentrar-me em ficar confortável com um tipo ou em deixar-me levar pelo momento quando consigo ouvi-los pensar se pinto o cabelo, que o meu rabo não é giro ou a imaginar como serão as minhas mamas.

Subitamente, sentia-me muito mais alerta e percebi que revelava muito de mim a esta criatura.

— Desculpa — disse. — Não queria maçar-te com os meus problemas. Obrigada por me salvares das Ratazanas.

— A culpa foi minha — disse. Consegui perceber que havia raiva por baixo da serenidade superficial da sua voz. — Se tivesse tido a cortesia de chegar a horas, não teria acontecido. Devia-te algum do meu sangue. Devia-te a cura.

— Estão mortos? — Para meu embaraço, a voz falhou-me quando fiz a pergunta.

— Sim.

Engoli em seco. Não sentia pena por o mundo ficar livre das Ratazanas. Mas tinha de enfrentar os factos. Não conseguia escapar à percepção de que estava sentada no colo de um assassino. No entanto, sentia-me muito bem ali, envolvida nos seus braços.

— Isto devia preocupar-me, mas não é o que acontece — disse, sem pensar. Senti novamente aquele riso enferrujado.

— Sookie, porque querias falar comigo hoje?

Precisei de me concentrar. Apesar da recuperação milagrosa do espancamento, sentia-me um pouco confusa.

— A minha avó gostava muito de saber que idade tens — disse,

com hesitação. Não sabia até que ponto o assunto seria pessoal para um vampiro. O vampiro em questão acariciava-me as costas como se afagasse um gatinho.

— Transformaram-me num vampiro em 1870, quando era um humano de trinta anos.

Olhei-o. A sua face reluzente não tinha qualquer expressão e os seus olhos eram dois poços negros na escuridão da floresta.

— Combateste na guerra?

— Sim.

— Receio que isto te vá enfurecer, mas ela ficaria tão feliz se pudesses falar um pouco ao seu clube sobre a guerra, sobre como foi na realidade.

— Clube?

— Pertence aos Descendentes dos Mortos Gloriosos.

— Mortos gloriosos. — O tom de voz do vampiro era impossível de interpretar, mas conseguia perceber que não se sentia feliz.

— Não seria necessário falares dos vermes, das infecções e da fome — disse. — Imaginam a guerra à sua maneira e, apesar de não serem estúpidos (viveram outras guerras), gostariam de saber mais sobre o modo de vida das pessoas da época, sobre fardas e movimento de tropas.

— Sobre coisas limpas.

Inspirei fundo.

— Sim.

— Far-te-ia feliz se o fizesse?

— Que diferença faz? Faria a minha avó feliz e, já que estás em Bon Temps e pareces querer viver aqui, seria uma boa acção de relações públicas.

— Far-te-ia feliz?

Era difícil evitar-lhe as perguntas.

— Sim.

— Então aceito.

— A avó pede para comeres antes de vires — disse.

Voltei a ouvir o riso, desta vez mais profundo.

— Estou com grande vontade de a conhecer. Posso visitar-te numa destas noites?

— Ah. Claro. Amanhã é a minha última noite de trabalho e depois terei dois dias de folga. Quinta-feira será uma boa noite. — Ergui o braço para olhar o relógio. Funcionava, mas o vidro estava coberto

com sangue seco. — Que nojo — disse, molhando o dedo com saliva e limpando o vidro. Pressionei o botão que iluminava os ponteiros e surpreendeu-me ver a hora.

— É melhor ir para casa. Espero que a avó tenha adormecido.

— Deve ficar preocupada por ficares sozinha até tão tarde — comentou Bill. O tom parecia reprovador. Talvez pensasse em Maudette? Por um momento, senti-me profundamente insegura, pensando se Bill a teria realmente conhecido, se ela o teria convidado para casa. Mas rejeitei a ideia porque me recusava teimosamente a pensar na bizarra e terrível natureza da vida e morte de Maudette. Não queria que esse horror projectasse a sua sombra sobre a minha pequena felicidade.

— Faz parte do trabalho — disse, secamente. — Não posso evitar. De qualquer forma, não trabalho todas as noites. Apenas quando posso.

— Porquê? — O vampiro ajudou-me a levantar e ergueu-se sem qualquer dificuldade.

— As gorjetas são melhores. O trabalho é mais duro. Não há tempo para pensar.

— Mas a noite é mais perigosa — disse, novamente com tom reprovador.

E deveria sabê-lo.

— Não fales como a minha avó — repreendi-o. Estávamos quase no parque de estacionamento.

— Sou mais velho do que a tua avó — recordou-me. Aquilo pôs fim à conversa.

Depois de sair da floresta, deixei-me ficar a olhar. O parque de estacionamento estava tão sereno e imóvel como se nada tivesse acontecido ali, como se não tivesse escapado por pouco de ser espancada até à morte na gravilha apenas uma hora antes. Como se as Ratazanas não tivessem sofrido uma morte sangrenta.

As luzes do bar e da caravana de Sam estavam apagadas.

A gravilha estava húmida, mas não por causa do sangue.

A minha mala estava pousada sobre o tejadilho do carro.

— E o cão? — perguntei.

Voltei-me para o meu salvador.

Já não estava lá.



2

Acordei muito tarde na manhã seguinte, sem surpresas. Para meu alívio, descobri que a avó dormia quando cheguei e pude enfiar-me na cama sem a acordar.

Bebia uma chávena de café sentada à mesa da cozinha e a avó limpava a despensa quando o telefone tocou. Vi-a sentar-se num banco junto à bancada antes de atender. Era o seu habitual posto de conversa.

— Estou? — disse. Por algum motivo, soava sempre desagradada, como se um telefonema fosse a última coisa que queria. Sabia que não era o caso.

— Olá, Everlee. Não, estou aqui sentada a falar com a Sookie. Acaba de acordar. Não, não sei das notícias. Não, ninguém me ligou. O quê? Qual tornado? Ontem à noite o céu estava limpo. Em Four Tracks Corner? Sim? Não! Não pode ser! A sério? Os dois? Hmm... O que disse o Mike Spencer?

Mike Spencer era o médico-legista do condado. Comecei a sentir-me ansiosa. Terminei o café e voltei a encher a chávena. Achei que precisaria.

A avó desligou um minuto depois.

— Sookie, não vais acreditar no que aconteceu!

Estava disposta a apostar o contrário.

— O que foi? — perguntei, tentando não parecer culpada.

— Mesmo que o tempo parecesse calmo ontem à noite, parece que houve um tornado em Four Tracks Corner! Virou do avesso a caravana na clareira. O casal que lá vivia morreu. Ficaram os dois presos por baixo da caravana e acabaram esmagados. O Mike diz que nunca viu nada assim.

— Vai mandar autopsiar os corpos?

— Acho que tem de o fazer, apesar de a causa da morte parecer clara, de acordo com a Stella. A caravana estava de lado e o carro ficou por cima dela. As árvores em redor foram arrancadas.

— Meu Deus — sussurrei, pensando na força necessária para preparar uma encenação daquele nível.

— Querida, não me contaste se o teu amigo vampiro foi ao bar ontem à noite.

Dei um salto culpado, percebendo tarde demais que a avó tinha mudado de assunto. Perguntava-me todos os dias se tinha visto o Bill e, finalmente, podia dizer-lhe que sim, mas não de ânimo leve.

Previsivelmente, ficou eufórica. Saltitou pela cozinha como se o convidado fosse o Príncipe Carlos.

— Amanhã à noite. A que horas vem? — perguntou.

— Depois de anoitecer. É tudo o que sei.

— Estamos em horário de Verão. Será muito tarde — considerou.

— Ótimo. Teremos tempo para jantar e para arrumar tudo. E teremos todo o dia para limpar a casa. Acho que não limpo aquela carpete há um ano!

— Avó, estamos a falar de um tipo que passa o dia a dormir de baixo do chão — recordei. — Duvido que repare na carpete.

— Se não o fizer por ele, faço-o por mim, para me sentir orgulhosa — contrapôs, com firmeza. — Além disso, minha menina, como sabes tu onde dorme?

— Boa pergunta, avó. Não sei. Mas tem de se abrigar da luz do sol num local seguro. É esse o meu palpíte.

Percebi que nada a impediria de embarcar num frenesim de esmero doméstico. Enquanto me preparava para o trabalho, foi à mercearia alugar uma máquina de lavagem de carpetes e iniciou a tarefa.

A caminho do *Merlotte's*, fiz um desvio para norte e passei por Four Tracks Corner. Era um cruzamento tão antigo como o povoamento da área. Estava alcatroado e com sinais de trânsito, a tradição

local dizia que era a intersecção de dois caminhos de caça. Mais cedo ou mais tarde, haveria casas de tipo rústico e centros comerciais a rodear as estradas, mas, por enquanto, era uma zona arborizada e, de acordo com Jason, a caça ainda era boa.

Porque não havia nada que me impedisse, segui pelo caminho que conduzia à clareira onde se situara a caravana alugada pelos Rattray. Parei o carro e olhei pelo pára-brisas, aterrorizada. A caravana, muito pequena e velha, estava esmagada a três metros da localização original. O carro amolgado continuava sobre os restos da casa móvel. Arbustos e escombros cobriam a clareira e a floresta por trás da caravana revelava sinais da passagem de uma grande força. Havia ramos quebrados e o topo de um pinheiro pendia por um filamento de madeira. Havia roupa nos ramos e até uma frigideira.

Saí lentamente e olhei em redor. Os estragos eram simplesmente inacreditáveis, sobretudo porque sabia que não tinham sido provocados por um tornado. O vampiro Bill encenara aquilo para explicar as mortes.

Um velho jipe avançou pela estrada e parou junto a mim.

— Sookie Stackhouse! — chamou Mike Spencer. — Que fazes aqui, rapariga? Não tens de ir trabalhar?

— Sim, senhor. Conhecia as Ratazan... os Rattray. Que coisa horrível. — Achei que aquilo seria suficientemente ambíguo. Via que Mike vinha acompanhado pelo xerife.

— Uma coisa horrível, sim. Bom... ouvi dizer — disse o xerife Bud Dearborn, saindo do jipe — que tu, Mack e Denise não foram muito amigos no parque de estacionamento do *Merlotte's* na semana passada.

Senti um arrepio frio algures à altura do fígado enquanto os dois homens se posicionavam à minha frente.

Mike Spencer geria uma das duas agências funerárias de Bon Temps. Como costumava dizer, todos podiam ser sepultados pela *Agência Funerária Spencer and Sons*, mas parecia que apenas os brancos o desejavam. De igual modo, apenas gente de cor desejava ser sepultada pela *Sweet Rest*. Mike era um homem pesado de meia-idade, com cabelo e bigode da cor do chá fraco e uma predileção por botas de vaqueiro e gravatas de cordel, coisas que não podia usar quando estava de serviço na *Spencer and Sons*. Usava-as naquele momento.

O xerife Dearborn, que tinha reputação de ser um bom homem, era um pouco mais velho do que Mike, mas estava em boa forma e era

duro desde o cabelo grisalho espesso até aos sapatos pesados. Tinha uma face abatida e olhos castanhos e agitados. Fora bom amigo do meu pai.

— Sim, senhor. Tivemos um desentendimento — disse, com franqueza, na minha voz mais caseira.

— Queres contar-me o que se passou? — O xerife puxou por um *Marlboro* e acendeu-o com um isqueiro de metal liso.

E eu cometi um erro. Devia ter-lhe contado. Tinha fama de maluca e muitos também me achavam simplória. Mas não conseguia encontrar motivo para me justificar a Bud Dearborn. Nenhum motivo além do bom-senso.

— Porquê? — perguntei.

Os seus olhos pequenos pareceram subitamente alerta e o ar amistoso desapareceu.

— Sookie — disse, com desilusão na voz. Não me convenceu por um minuto que fosse.

— Não fui eu que fiz isto — continuei, acenando com a mão sobre a destruição.

— Pois não — concordou. — Mas, de qualquer forma, morreram na semana a seguir a uma luta contigo. Parece-me que devo fazer perguntas.

Considerarei a possibilidade de lhe enfrentar o olhar. Far-me-ia sentir bem, mas achei que não valeria a pena. Tornava-se aparente que uma reputação de falta de inteligência podia ser útil.

Posso não ter grande escolaridade ou experiência de vida, mas não sou estúpida nem ignorante.

— Estavam a magoar o meu amigo — confessei, deixando cair a cabeça e fitando os sapatos.

— Referes-te ao vampiro que vive na velha casa dos Compton? — Mike Spencer e Bud Dearborn trocaram olhares.

— Sim, senhor. — Surpreendeu-me ouvir onde Bill vivia, mas eles não o perceberam. Após anos a não reagir a coisas que ouvia e que preferia não saber, adquiri grande controlo da minha expressão facial. A velha casa dos Compton situava-se perto da nossa, do outro lado de um campo, do mesmo lado da estrada. Entre as duas casas, havia apenas o cemitério e a floresta. Sorrindo, pensei que era uma excelente localização para Bill.

— Sookie Stackhouse, a tua avó deixa-te passar o tempo com esse vampiro? — perguntou Spencer, de forma imbecil.

— Pode falar com ela sobre isso — sugeri, com malícia, mal podendo esperar para ouvir o que a avó diria quando alguém insinuasse que não cuidava de mim da melhor forma. — Sabem que os Rattray tentavam drenar o Bill?

— O vampiro estava a ser drenado pelos Rattray? E tu impediste-os? — questionou o xerife.

— Sim — respondi, tentando parecer decidida.

— A drenagem de vampiros é ilegal — reflectiu.

— Não é homicídio matar um vampiro que não nos atacou? — perguntei.

É possível que tenha levado a ingenuidade longe demais.

— Sabes perfeitamente que sim, apesar de não concordar com essa lei. Mas é a lei e vou garantir o seu cumprimento — disse o xerife, assumindo uma postura rígida.

— Então o vampiro deixou-os partir sem jurar vingança? Sem sequer dizer que desejava a sua morte? — Mike Spencer não conseguia evitar ser estúpido.

— Exactamente. — Sorri a ambos e olhei para o relógio. Recordei o sangue que o cobrira, o meu sangue, resultado do espancamento aplicado pelos Rattray. Precisei de limpar o sangue para ver as horas. — Desculpem, mas tenho de ir trabalhar — disse. — Adeus, Sr. Spencer. Xerife.

— Adeus, Sookie — disse o xerife Dearborn. Pareceu ter mais a perguntar-me, mas não conseguia pensar na melhor forma de formular as perguntas. Percebia que não estava inteiramente satisfeito com o aspecto das coisas e duvidei que algum radar tivesse captado um tornado. De qualquer forma, ali estava a caravana, ali estava o carro, as árvores e os Rattray tinham sido encontrados sem vida por baixo de tudo. Que outra conclusão poderia tirar-se além de que fora um tornado a matá-los? Calculei que os corpos tivessem sido enviados para autópsia e questionei-me sobre o que poderia ser aprendido por tal procedimento dentro das circunstâncias.

A mente humana é uma coisa espantosa. O xerife Dearborn deveria saber que os vampiros são muito fortes. Mas não conseguia imaginar até que ponto. Suficientemente fortes para voltar uma caravana e para a esmagar. Até a mim me custava compreender e sabia perfeitamente que não tinha passado nenhum tornado por Four Corners.

Havia no bar um zumbido constante alimentado pela notícia das mortes. O homicídio de Maudette fora remetido para segundo lugar pela morte de Denise e Mack. Apanhei Sam a olhar-me algumas vezes

e pensei na noite anterior e no que saberia realmente. Mas tinha medo de perguntar, existindo a possibilidade de não ter visto nada. Sabia que eu própria não conseguia explicar alguns dos acontecimentos da noite anterior, mas estava tão grata por estar viva que me impedi de pensar no assunto.

Nunca sorri tanto enquanto servia bebidas. Nunca fui tão rápida a fazer trocos. Nunca fui tão rigorosa na recolha de pedidos. Nem mesmo Rene conseguiu que eu abrandasse, apesar de insistir em arastar-me para as suas longas conversas sempre que me aproximava da mesa que partilhava com Hoyt e com outro amigo.

Por vezes, Rene desempenhava o papel de *cajun* maluco, ainda que a pronúncia *cajun* que pudesse ter fosse fingida. A sua família permitira que a herança cultural se diluísse. Todas as suas mulheres tiveram vidas duras e atribuladas. O breve casamento com Arlene acontecera quando era jovem e ainda não tinha filhos e ela contara-me que, ocasionalmente, fizera coisas nesse período que a arrepiavam quando pensava no assunto. Crescera desde então, mas Rene não. Arlene gostava realmente dele, para meu espanto.

Todos os clientes do bar estavam emocionados nessa noite pelos acontecimentos invulgares em Bon Temps. Uma mulher fora assassinada de forma misteriosa. Habitualmente, os homicídios em Bon Temps eram facilmente desvendados. E um casal tivera morte violenta devido a um fenómeno natural inesperado. Atribuí a essa excitação o que aconteceu a seguir. Era um bar familiar, por onde passavam regularmente alguns forasteiros e nunca tive grandes problemas com atenções exageradas. Mas, nessa noite, um dos homens sentados na mesa ao lado de Rene e Hoyt, um tipo louro pesado com uma cara larga e avermelhada, fez subir a mão até à bainha dos meus calções enquanto lhes trazia cerveja.

Isso não é bem visto no *Merlotte's*.

Pensei em atingi-lo na cabeça com o tabuleiro quando senti a mão a ser afastada. Senti alguém de pé atrás de mim. Voltei-me e vi Rene, que se levantara da cadeira sem que eu desse por isso. Segui o seu braço e vi que agarrava a mão do louro e a apertava. A cara vermelha do outro mudava de cor.

— Ei! Larga-me! — protestou. — Não fiz por mal.

— Não tocas em ninguém que trabalhe aqui. É essa a regra. — Rene pode ser baixo e magro, mas todos apostariam no rapaz local contra o forasteiro.

— Está bem.

— Pede desculpa à senhora.

— À Sookie Maluca? — Havia incredulidade na voz. Devia ter vindo ao bar antes.

Rene deve ter aumentado o aperto. Vi lágrimas nos olhos do louro.

— Desculpa, Sookie. Está bem?

Acenei com a cabeça tão sobriamente quanto consegui. Rene largou abruptamente a mão do louro e, apontando com um polegar, mandou-o pôr-se a andar. O louro não perdeu tempo a sair porta fora. Os acompanhantes seguiram-no.

— Rene, devias ter-me deixado lidar com isto — disse-lhe, em voz baixa, quando os clientes pareceram retomar as suas conversas. Conseguíramos alimentar a máquina de boatos com material suficiente para um par de dias. — Mas agradeço-te por me teres defendido.

— Não quero que ninguém se meta com a amiga da Arlene — disse Rene, sem rodeios. — O *Merlotte's* é um sítio agradável e todos queremos que continue assim. Além disso, por vezes, fazes-me lembrar a Cindy.

Cindy era a irmã de Rene. Mudara-se para Baton Rouge um ano ou dois antes. Era loura e tinha olhos azuis. Além disso, não conseguia lembrar-me de outra semelhança. Mas não seria educado dizê-lo.

— Vês a Cindy muita vez? — perguntei.

Hoyt e o outro homem sentado à mesa trocavam resultados e estatísticas dos Shreveport Captains.

— De vez em quando — respondeu Rene, abanando a cabeça, como se quisesse dizer que gostaria que acontecesse com maior frequência. — Trabalha na cafetaria de um hospital.

Pousei-lhe a mão sobre o ombro.

— Tenho de voltar ao trabalho.

Quando cheguei ao balcão para receber o pedido seguinte, Sam ergueu-me as sobrancelhas. Arregalei-lhe os olhos para mostrar como a intervenção de Rene me tinha surpreendido e vi-o encolher brevemente os ombros, como se dissesse que o comportamento humano não tinha explicação.

Mas, quando fui atrás do balcão para me abastecer de guardanapos, reparei que tinha tirado para fora o taco de basebol que guardava junto à caixa registadora para utilização em emergências.

A avó manteve-me ocupada durante todo o dia seguinte. Limpou o pó, aspirou e esfregou o chão enquanto eu lavava as casas de banho. Pensei se os vampiros iriam à casa de banho enquanto passava a escova pela sanita. A avó exigira que aspirasse o pêlo de gato do sofá. Despejei todos os cestos de lixo. Poli todas as mesas. Até limpei a máquina de lavar e secar. Por amor de Deus.

Quando me ordenou que tomasse banho e mudasse de roupa, percebi que via o vampiro Bill como sendo um potencial namorado meu. Isso fez-me sentir um pouco estranha. Por um lado, a avó estava tão desesperada por me ver ter vida social que até um vampiro conseguia ser um candidato apetecível. Por outro, havia alguns sentimentos que apoiavam essa ideia. Além disso, Bill poderia perceber tudo aquilo. E os vampiros conseguiriam fazê-lo da mesma forma que os humanos?

Tomei banho, maquilhei-me e pus um vestido, sabendo que a avó teria uma crise se não o fizesse. Era um pequeno vestido de algodão com margaridas estampadas. Era mais justo do que a avó gostaria e mais curto do que Jason considerava próprio para a sua irmã. Ouvira o comentário da primeira vez que o usara. Pus os meus brincos de bola amarela e preendi o cabelo atrás com uma travessa da mesma cor que o mantinha no sítio sem grande constrangimento.

A avó olhou-me com estranheza, de uma forma que não consegui interpretar. Podia descobrir facilmente se ouvisse o que pensava, mas seria algo horrível de se fazer à pessoa com quem vivia e tive o cuidado de me conter. Ela usava uma saia e uma blusa que levava com frequência às reuniões dos Descendentes dos Mortos Gloriosos. O conjunto não era suficientemente requintado para a igreja, mas também não era suficientemente simples para o uso quotidiano.

Varria o alpendre da frente, algo que me esquecera de fazer, quando ele chegou. Fez uma entrada de vampiro. Um minuto antes, não estava lá e, no seguinte, ali estava ele, de pé ao fundo dos degraus, olhando-me.

Eu sorri.

— Não me assustaste — disse-lhe.

Pareceu algo embaraçado.

— É o hábito — justificou-se. — Habituei-me a aparecer assim.

Não faço muito barulho.

Abri a porta.

— Entra — convidei. E subiu os degraus, olhando em redor.

— Lembro-me disto — disse. — Mas não era tão grande.

— Lembras-te desta casa? A avó vai adorar sabê-lo. — Caminhei à sua frente até à sala de estar, chamando a avó pelo caminho.

Entrou de forma digna e percebi que, pela primeira vez, esmerara-se com o cabelo branco espesso, penteado e ordeiro para variar, rodeando-lhe a cabeça numa espiral complexa. Também tinha posto baton.

Bill revelou ser tão conhecedor de preceitos sociais como a minha avó. Saudaram-se, agradeceram um ao outro, elogiaram-se e, finalmente, Bill acabou por se sentar no sofá. Depois de trazer um tabuleiro com três copos de chá de pêssego, a avó sentou-se no cadeirão, deixando claro que deveria instalar-me perto de Bill. Não havia forma de escapar sem ser ainda mais óbvia e, por isso, sentei-me a seu lado, mas próxima do limite do sofá, como se, a qualquer momento, pretendesse levantar-me para voltar a encher o seu copo com chá frio de pêssego, destinado apenas a manter as aparências.

Por cortesia, tocou o bordo do copo com os lábios e voltou a pou-sá-lo. Eu e a avó bebíamos grandes goles nervosos dos nossos.

A avó escolheu iniciar a conversa pelo assunto menos adequado.

— Creio que terá ouvido falar do estranho tornado — disse.

— Que aconteceu? — perguntou Bill, com uma voz suave como seda. Não me atrevi a olhá-lo, permanecendo sentada com as mãos unidas e os olhos postos nelas.

A avó falou-lhe do bizarro tornado e da morte das Ratazanas. Contou-lhe que tudo aquilo parecia horrível, mas poupou pormenores e achei que Bill se descontraíu um pouco.

— Passei por lá ontem a caminho do trabalho — disse eu, sem erguer o olhar. — Pela caravana.

— Achaste que tinha o aspecto que esperavas? — perguntou Bill, notando-se apenas curiosidade na voz.

— Não — respondi. — Não esperava nada daquilo. Fiquei realmente... espantada.

— Sookie, já viste os estragos provocados por outros tornados? — disse a avó, surpresa.

Mudei de assunto.

— Bill, onde arranjaste essa camisa? Fica-te bem. — Vestia calças informais de cor caqui e uma camisa de golfe com riscas verdes e castanhas. Calçava mocassins brilhantes e meias finas castanhas.

— Na *Dillard's* — disse. Tentei imaginá-lo no centro comercial em Monroe, com as pessoas a voltarem-se para olhar aquela criatura

exótica com a sua pele reluzente e olhos magníficos. Onde conseguiria o dinheiro para pagar as compras? Como lavaria a roupa? Deitar-se-ia nu no caixão? Teria um carro ou limitar-se-ia a flutuar?

A avó ficou agradada com a normalidade dos hábitos de consumo de Bill. Voltou a perturbar-me perceber como lhe agradava ver o meu suposto pretendente na sua sala de estar, mesmo que (de acordo com a literatura popular) tivesse sido vitimado por um vírus que o fazia parecer morto.

Iniciou o interrogatório. Bill respondeu-lhe com delicadeza e aparente boa vontade. Podia estar morto, mas era um cadáver educado.

— A sua família era desta região? — quis saber.

— O meu pai era um Compton e a minha mãe era Loudermilk — esclareceu prontamente Bill. Parecia bastante descontraído.

— Ainda existem muitos Loudermilk — explicou a avó, com entusiasmo. — Mas receio que o velho Sr. Jessie Compton tenha morrido no ano passado.

— Eu sei — disse Bill. — Foi por isso que regressei. A terra reverteu para a minha posse e, porque as coisas mudaram na nossa cultura relativamente à aceitação de pessoas com as minhas características particulares, decidi reclamá-la.

— Conhecia os Stackhouse? A Sookie diz que tem uma história longa. — Pareceu-me que a avó tinha posto a questão da melhor forma. Sorri, sem desviar o olhar das mãos.

— Lembro-me de Jonas Stackhouse — disse Bill, para deleite da avó. — A minha gente estava aqui quando Bon Temps era apenas um lugarejo na berma da estrada, junto à fronteira. Jonas Stackhouse mudou-se com a mulher e os quatro filhos quando eu era um jovem de dezasseis anos. Esta casa não foi construída por ele? Pelo menos em parte?

Reparei que, quando Bill pensava no passado, a sua voz adquiria uma cadência diferente e o vocabulário alterava-se. Pensei nas mudanças de coloquialismos e pronúncia que teriam afectado o seu inglês ao longo do século passado.

A avó deu consigo no paraíso da genealogia. Quis saber tudo sobre Jonas, o antepassado do seu marido.

— Tinha escravos? — perguntou.

— Minha senhora, se bem me lembro, tinha uma escrava doméstica e um escravo de campo. A escrava doméstica era uma mulher de meia-idade e o escravo de campo era um jovem muito grande, muito

forte, chamado Minas. Mas os Stackhouse trabalhavam as suas terras. Tal como a minha família.

— É precisamente esse tipo de coisa que o meu pequeno grupo adoraria ouvir! A Sookie disse-lhe... — Após muita troca de cortesias, a avó acordou com Bill uma data para falar numa reunião nocturna dos Descendentes.

— E agora, se mo permitir, gostaria de dar um passeio com a Sookie. Está uma linda noite. — Lentamente, para que tivesse tempo de ver o gesto, aproximou a mão e segurou a minha, erguendo-se e fazendo-me acompanhá-lo. A sua mão era fria, dura e suave. Não estava realmente a pedir a permissão da avó, mas também não impunha a sua vontade.

— Vão dar o vosso passeio — disse a avó, transbordando de felicidade. — Tenho muita coisa a pesquisar. Terá de me dizer todos os nomes de gente local que recordar do tempo em que estive... — e hesitou, não querendo dizer nada que fosse indelicado.

— Em que estive a residir em Bon Temps — sugeri, evitando o embaraço.

— Claro — disse o vampiro. E consegui perceber pela forma como comprimiu os lábios que tentava não sorrir.

De alguma forma, chegámos à porta e percebi que Bill me tinha erguido e movido com rapidez. Sorri com convicção. Agradava-me o inesperado.

— Não demoramos — disse à avó. Pareceu-me que não tinha notado a deslocação invulgar, ocupada que estava a reunir os copos de chá.

— Não tenham pressa por mim — disse. — Fico bem entregue.

Lá fora, as rãs, os sapos e os insectos interpretavam a sua ópera campestre nocturna. Bill continuou a segurar-me a mão enquanto passávamos ao quintal, perfumado pelo cheiro da relva acabada de cortar e das flores em botão. Tina, a minha gata, aproximou-se das sombras e pediu festas. Curvei-me e cocei-lhe a cabeça. Para minha surpresa, roçou-se pelas pernas de Bill, uma atitude que ele não fez nada para desencorajar.

— Gostas deste animal? — perguntou, com voz neutra.

— É a minha gata — disse. — Chama-se Tina e gosto muito dela.

Sem comentários adicionais, Bill manteve-se quieto, esperando que Tina regressasse à escuridão, longe do alcance da luz do alpendre.

— Gostarias de te sentar no baloiço, nas cadeiras de jardim ou

preferes caminhar? — perguntei, sentindo que o papel de anfitriã me fora transferido.

— Vamos caminhar um pouco. Preciso de esticar as pernas.

De alguma forma, aquela afirmação perturbou-me, mas comecei a percorrer o longo caminho em direcção à estrada que passava à frente das casas de ambos.

— A caravana assustou-te?

Tentei pensar na melhor forma de o dizer.

— Sinto-me muito... hmm... frágil. Quando penso na caravana.

— Sabias que sou forte.

Inclinei a cabeça, pensando no assunto.

— Sim, mas não percebi até que ponto — disse-lhe. — E também não percebi o alcance da tua imaginação.

— Ao longo dos anos, tornamo-nos bons a esconder o que fazemos.

— Calculo que tenhas matado muitas pessoas.

— Algumas. — O tom de voz indicava-me que devia aprender a lidar com o assunto.

Uni as mãos atrás das costas.

— Sentiste mais fome logo após te tornares um vampiro? Como aconteceu?

Não esperava aquilo. Olhou-me. Sentia o seu olhar em mim, apesar de estarmos na escuridão. A floresta rodeava-nos. Os nossos pés pisavam a gravilha.

— Quanto à forma como me tornei um vampiro, é uma história demasiado longa para contar neste momento — disse. — Mas sim, quando era mais jovem, matei por acidente nalgumas ocasiões. Nunca sabia ao certo quando poderia voltar a alimentar-me, compreendes? Éramos constantemente caçados, claro, e não havia sangue artificial. Além disso, não havia tanta gente como agora. Mas fui um bom homem em vida... Ou seja, antes de contrair o vírus. Esforcei-me por ser civilizado, escolhendo pessoas más como vítimas e nunca me alimentando de crianças. Consegui, pelo menos, nunca matar uma criança. Agora é muito diferente. Posso visitar a clínica nocturna em qualquer cidade e conseguir algum sangue sintético, apesar de ser repelente. Ou posso pagar a uma prostituta para conseguir o sangue suficiente para aguentar um par de dias. Ou posso encantar alguém para que me deixem morder por amor, esquecendo tudo em seguida. Já não preciso de tanto como outrora.

— Ou podes conhecer uma rapariga com ferimentos na cabeça — disse.

— Ah. Tu foste apenas a sobremesa. Os Rattray foram o prato principal.

Lida com isso.

— Uau — disse, sentindo-me sem fôlego. — Dá-me um minuto.

E assim fez. Nenhum outro homem me teria permitido aquele tempo sem falar. Abri a mente, baixei a guarda por completo e descontraí. O seu silêncio envolveu-me. Mantive-me de pé, fechei os olhos, absorvi o alívio demasiado profundo para ser expresso por palavras.

— Sentes-te feliz agora? — perguntou, como se conseguisse percebê-lo.

— Sim — expirei. Nesse momento, senti que não importava o que a criatura a meu lado tivesse feito. Aquela paz não tinha preço depois de uma vida de intromissão de mentes alheias na minha.

— Também te sinto bem — disse, surpreendendo-me.

— De que forma? — perguntei, lenta e sonhadora.

— Sem medo, sem pressa, sem condenação. Não preciso de te encantar para te deixar quieta, para ter uma conversa contigo.

— Encantar?

— Uma espécie de hipnotismo — explicou. — Todos os vampiros o fazem, de uma forma ou de outra. Porque, para nos alimentarmos, antes de desenvolverem o sangue sintético, precisávamos de persuadir as pessoas de que éramos inofensivos... ou de as fazer pensar que não nos tinham visto... ou de as iludir, fazendo-as pensar que tinham visto outra pessoa qualquer.

— Funciona comigo?

— Claro — disse, parecendo chocado.

— Então tenta.

— Olha para mim.

— Está escuro.

— Não importa. Olha para a minha cara. — E pôs-se à minha frente, pousando levemente as mãos sobre os meus ombros e olhando-me. Conseguia ver o brilho ténue da sua pele e dos olhos e devolvi-lhe o olhar, pensando se começaria a cacarejar como uma galinha ou a despir-me.

Mas... não aconteceu nada. Senti apenas a descontração quase narcótica da sua presença.

— Consegues sentir a minha influência? — perguntou. Parecia ligeiramente ofegante.

— Nada. Lamento — disse, humildemente. — Apenas te vejo brilhar.

— Consegues ver isso? — Voltei a surpreendê-lo.

— Claro. Os outros não?

— Não. É estranho, Sookie.

— Se o dizes. Posso ver-te levitar?

— Aqui? — Bill pareceu divertido.

— Claro. Porque não? A não ser que haja um motivo.

— Não. Não há nenhum motivo.

Largou-me os braços e começou a subir.

Suspirei, fascinada. Flutuou na escuridão, brilhando como mármore branco ao luar. Quando estava quase a um metro do chão, deixou-se pairar. Pareceu-me que me sorria.

— Todos conseguem fazer o mesmo? — perguntei.

— Consegues cantar?

— Não. Não consigo afinar.

— Também não conseguimos fazer as mesmas coisas. — Desceu lentamente e aterrou sem ruído. — A maioria dos humanos receia os vampiros. Tu pareces não ser assim — referiu.

Encolhi os ombros. Porque haveria de recear algo fora do normal? Pareceu perceber porque, depois de uma pausa que aproveitámos para recomeçar a andar, disse:

— Sempre foi difícil?

— Sim, sempre. — Não podia dizer outra coisa, apesar de não querer lamentar-me. — Quando era muito pequena, era pior porque não sabia como me proteger e, obviamente, ouvia pensamentos que não devia ouvir, repetindo-os como as crianças repetem as coisas que ouvem. Os meus pais não sabiam o que fazer de mim. Era sobretudo o meu pai a sentir-se embaraçado. A minha mãe acabou por me levar a uma psicóloga infantil que percebeu imediatamente o que era, mas não conseguia aceitá-lo e tentou partilhar uma teoria alternativa com os meus pais. Lia a sua linguagem corporal e era muito observadora. Por isso, pensava ser capaz de ouvir os pensamentos alheios. Claro que não podia admitir que ouvia literalmente os pensamentos alheios porque isso não encaixava no seu mundo. Dei-me mal com a escola porque me era muito difícil concentrar quando poucos o faziam. Mas, quando havia testes, conseguia notas muito altas porque todos os outros miúdos

se concentravam no seu trabalho... isso permitia-me algum descanso. Por vezes, os meus pais pensavam que era preguiçosa por não obter bons resultados no trabalho quotidiano. Por vezes, os professores achavam que tinha uma dificuldade de aprendizagem. Não irias acreditar nas teorias. Fazia testes aos olhos e aos ouvidos com intervalos que rondariam os dois meses. E exames cerebrais... Os meus pobres pais pagavam isto tudo. Mas nunca conseguiram aceitar a verdade. Pelo menos por fora, percebes?

— Mas, no fundo, sabiam.

— Sim. Um dia, quando o meu pai tentava decidir se deveria financiar um homem que queria abrir uma loja de peças para automóvel, pediu-me para me sentar com ele quando o homem veio a nossa casa. Depois de o homem partir, levou-me para fora, olhou para longe e perguntou: «Sookie, ele dizia a verdade?» Foi um momento muito estranho.

— Que idade tinhas?

— Não devia ter mais de sete porque morreram os dois quando estava no segundo ano.

— Como?

— Numa inundação repentina. Apanhou-os na ponte a oeste daqui. Bill não comentou. Claro que teria visto mortes sem conta.

— O homem mentia? — perguntou, após alguns segundos.

— Sim. Pretendia fugir com o dinheiro do meu pai.

— Tens um dom.

— Um dom. Claro. — Sentia os cantos da boca a curvarem-se para baixo.

— Torna-te diferente dos outros humanos.

— Não precisas de mo dizer. — Caminhámos em silêncio por um momento. — Então não te consideras humano?

— Há já muito tempo.

— Acreditas realmente que perdeste a alma? — Era o que a Igreja Católica pregava sobre os vampiros.

— Não tenho forma de saber — disse Bill, quase de forma casual. Era óbvio que tinha pensado tantas vezes no assunto que se tornara um lugar-comum. — Pessoalmente, acredito que não. Existe algo em mim que não é cruel ou homicida, mesmo após todos estes anos. Apesar de também poder ser as duas coisas.

— Não tens culpa de ter sido infectado por um vírus.

Até o seu ronco de desdém conseguiu parecer elegante.

— Existem teorias desde que há vampiros. Talvez essa seja verdadeira. — A seguir, pareceu lamentar ter dito aquilo. — Se é um vírus a causa dos vampiros — prosseguiu, de forma mais contida —, é um vírus selectivo.

— Como se transforma alguém num vampiro? — Lera muita coisa, mas aquela informação viria directamente de alguém conhecedor.

— Teria de te drenar, de uma só vez ou durante dois ou três dias, até morreres, e de te dar o meu sangue. Ficarias como um cadáver durante cerca de quarenta e oito horas. Por vezes chega aos três dias. Depois, irias erguer-te de noite. E terias fome.

A forma como pronunciou a palavra «fome» fez-me estremecer.

— Não há outra forma?

— Outros vampiros contaram-me que humanos que mordem regularmente, dia após dia, podem tornar-se vampiros de forma inesperada. Mas isso exige alimentações consecutivas e intensivas. Nas mesmas condições, outros apenas se tornam anémicos. E quando as pessoas estão próximas da morte por algum outro motivo, talvez por um acidente de viação ou *overdose* de drogas, talvez o processo possa correr... horrivelmente mal.

Começava a assustar-me.

— É melhor mudar de assunto. Que planeias fazer com a propriedade dos Compton?

— Planeio viver lá tanto quanto conseguir. Agora que tenho o direito legal de existir e que posso ir a Monroe, Shreveport ou Nova Orleães procurar sangue sintético ou prostitutas especializadas na minha gente, quero ficar aqui. Ou, pelo menos, ver se isso é possível. Passei décadas a vaguear.

— Como está a casa?

— Muito mal — admitiu. — Tenho tentado limpá-la. É algo que posso fazer à noite. Mas preciso de trabalhadores para algumas reparações. Não sou mau carpinteiro, mas não sei nada sobre electricidade.

Claro que não saberia.

— Parece-me que será necessário substituir os fios — continuou, parecendo igual a qualquer outro proprietário ansioso.

— Tens telefone?

— Claro — respondeu, surpreso.

— Então qual é o problema em conseguir trabalhadores?

— É difícil entrar em contacto com eles de noite. E é difícil en-

contrar-me com eles para lhes explicar o que precisa de ser feito. Têm medo ou acham que é uma brincadeira. — A frustração era evidente na voz de Bill, apesar de voltar a cara para longe.

Ri-me.

— Se quiseres, posso ligar-lhes — propus. — Conhecem-me. Apesar de todos acharem que sou maluca, sabem que sou honesta.

— Seria um grande favor — disse Bill, após alguma hesitação. — Poderiam trabalhar durante o dia, depois de me encontrar com eles para discutir o trabalho e os custos.

— Que grande inconveniente não poder sair durante o dia — disse, sem pensar. Nunca tinha pensado no assunto.

— Sem dúvida — considerou, secamente.

— E ter de esconder o sítio onde descansas — prossegui, sem perceber o desconforto que provocava.

Quando o senti no silêncio que se seguiu, pedi desculpa. Se não estivesse tão escuro, ter-me-ia visto corar.

— O local de repouso diurno de um vampiro é o seu maior segredo — afirmou Bill, sem grande à-vontade.

— As minhas desculpas.

— Aceites — disse, após um momento desagradável. Alcançámos a estrada e olhámos para ambos os lados como se esperássemos um táxi. Conseguia vê-lo claramente à luz da lua, agora que saíramos de entre as árvores. Também ele podia ver-me e olhou-me de alto a baixo.

— O teu vestido é da cor dos teus olhos.

— Obrigada. — Não o conseguia ver a ele com a mesma clareza.

— Mas não há muito tecido.

— Desculpa?

— É difícil habituar-me a jovens com tão pouca roupa — confessei Bill.

— Tiveste algumas décadas para te ires habituando — disse, secamente. — Há quarenta anos que os vestidos são curtos, Bill!

— Gostava de saias compridas — admitiu, com nostalgia. — Gostava da roupa interior que as mulheres usavam. Dos saíotes.

Não contive um ruído de desprezo.

— Tens algum saíote?

— Tenho uma tanga rendada de *nylon* bege muito bonita — respondi, indignada. — Se fosses humano, diria que tentavas fazer-me falar sobre a minha roupa interior!

Riu-se, com aquela gargalhada profunda e pouco usada que tanto me afectava.

— Tens essa tanga vestida, Sookie?

Deitei-lhe a língua de fora porque sabia que conseguia ver-me. Ergui a bainha do vestido, revelando a renda da tanga e mais alguns centímetros de pele bronzeada.

— Satisfeito? — perguntei.

— Tens umas pernas bonitas, mas continuo a preferir vestidos compridos.

— És teimoso — disse-lhe.

— Era o que a minha mulher sempre me dizia.

— Eras casado.

— Sim. Tornei-me um vampiro aos trinta anos. Tinha mulher e cinco filhos vivos. Sarah, a minha irmã, vivia connosco. Nunca se casou. O seu noivo morreu na guerra.

— Na Guerra Civil.

— Sim. Eu regressi do campo de batalha. Tive sorte. Pelo menos, pensei que sim na altura.

— Lutaste pela Confederação — disse, curiosa. — Se ainda tivesses a farda e a levasses ao clube, farias as senhoras desmaiar de prazer.

— Quando a guerra chegou ao fim, não restava grande coisa da farda — explicou, com voz pesarosa. — Estávamos esfarrapados e famintos. — Pareceu recompor-se. — Depois de me tornar um vampiro, deixou de ter qualquer significado — disse, novamente num tom frio e distante.

— Recordei algo que te incomoda — disse. — Lamento. De que deveremos falar? — Voltámo-nos e começámos a descer a estrada em direcção à casa.

— Sobre a tua vida — respondeu. — Conta-me o que fazes quando acordas de manhã.

— Saio da cama. Depois faço-a imediatamente. Tomo o pequeno-almoço. Torrada, às vezes cereais ou ovos, e café. Lavo os dentes, tomo um duche e visto-me. Por vezes, rapo as pernas. Se for dia de trabalho, vou trabalhar. Se só entrar à noite, posso ir às compras ou levar a avó à loja ou alugar um filme para ver ou apanhar sol. E leio muito. Tenho sorte por a avó ainda estar tão activa. É ela que lava a louça e passa a ferro e também é ela que costuma cozinhar.

— E rapazes?

— Já te falei disso. É impossível.

— Então que farás, Sookie? — perguntou, com delicadeza.

— Envelhecerei e morrerei. — Notava-se o desagrado na minha voz. Tocara um ponto sensível demasiadas vezes.

Para minha surpresa, Bill esticou o braço e pegou-me na mão. Agora que nos tínhamos incomodado de forma recíproca, tocando algumas feridas, o ar parecia mais limpo. No silêncio da noite, uma brisa fazia dançar o meu cabelo em volta da cara.

— Solta-o — pediu.

Não havia motivo para não o fazer. Libertei uma mão para soltar o cabelo. Abanei a cabeça para o desprender. Guardei a mola no bolso dele porque eu não tinha nenhum. Como se fosse a coisa mais normal do mundo, Bill começou a passar-me os dedos pelo cabelo, alisando-o até aos ombros.

Toquei-lhe as patilhas já que parecia ser autorizado o toque.

— São compridas — comentei.

— Era essa a moda — respondeu. — Sinto-me feliz por não usar barba como muitos homens ou tê-la-ia durante toda a eternidade.

— Nunca fazes a barba?

— Não. Felizmente, tinha acabado de a fazer quando aconteceu. — Parecia fascinado pelo meu cabelo. — O luar fá-lo parecer prata — disse, baixando muito a voz.

— Ah. O que gostas de fazer?

Consegui perceber o indício de um sorriso na escuridão.

— Também gosto de ler. — Pensou. — Gosto de filmes... claro. Acompanhei-os desde o início. Gosto da companhia de pessoas com vidas comuns. Por vezes, anseio pela companhia de outros vampiros, apesar de a maioria levar vidas muito diferentes da minha.

Caminhámos em silêncio por um momento.

— Gostas de televisão?

— Por vezes — confessou. — Durante algum tempo, gravava telenovelas e via-as à noite quando achava que poderia estar a esquecer-me de como era ser humano. Acabei por parar porque, julgando pelos exemplos que via nesses programas, esquecer a humanidade parecia algo positivo.

Ri-me.

Alcançámos o círculo de luz em redor da casa. Quase esperara que a avó estivesse no baloiço do alpendre à nossa espera, mas não estava. E apenas uma lâmpada fraca iluminava a sala de estar. Percebi, com algum desagrado, o que tentara fazer. Era como regressar a

casa depois de um primeiro encontro. Pensei mesmo se Bill tentaria beijar-me ou não. Com a sua predilecção por vestidos compridos, seria provável que achasse inaceitável tal comportamento. Mas, por mais que parecesse estúpido beijar um vampiro, percebi que era o que mais queria fazer.

Senti um aperto no peito, uma amargura por mais uma coisa que me era negada. E pensei: porque não?

Parei-o, puxando-lhe gentilmente pela mão. Estiquei-me para cima e pousei os lábios sobre a sua face reluzente. Senti-lhe o cheiro, comum mas vagamente salgado. Usava um pouco de água-de-colónia.

Senti-o estremecer. Voltou a cabeça, fazendo os lábios tocar os meus. Após um momento, rodeei-lhe o pescoço com os braços. O seu beijo aprofundou-se e afastei os lábios. Nunca fora beijada assim. Prolongou-se até pensar que aquele beijo continha todo o mundo, com a boca do vampiro sobre a minha. Senti a respiração acelerar e comecei a desejar que outras coisas acontecessem.

Subitamente, Bill afastou-se. Parecia abalado, o que me agradou muito.

— Boa noite, Sookie — disse, acariciando-me o cabelo uma última vez.

— Boa noite, Bill — respondi. Também eu parecia perturbada. — Tentarei contactar alguns electricistas amanhã. Mais tarde, transmito-te o que disseram.

— Visitas-me amanhã à noite se não tiveres de trabalhar?

— Sim — disse. Continuava a tentar recompor-me.

— Vejo-te então. Obrigado, Sookie. — E voltou-se para percorrer a floresta até à sua casa. A sombra das árvores tornou-o invisível.

Permaneci ali, olhando como uma tonta, até me forçar a entrar e ir para a cama.

Passei demasiado tempo acordada, pensando se os não-mortos conseguiriam realmente... fazê-lo. Além disso, pensava se seria possível ter uma discussão franca com Bill acerca do assunto. Por vezes, parecia muito antiquado e, noutras vezes, parecia tão normal como o vizinho do lado. Bom... Nem tanto. Mas bastante normal.

Parecia-me ao mesmo tempo maravilhoso e patético que a primeira criatura em muitos anos com quem me apetecia ter sexo não fosse humana. A minha telepatia limitava severamente as opções. Podia ter sexo apenas pela experiência, claro, mas quis esperar por sexo que conseguisse dar-me prazer.

E se o fizessemos e, depois de tantos anos, descobrisse que não tinha talento? Ou talvez a sensação não fosse agradável. Talvez os livros e os filmes exagerassem. E também Arlene, que parecia nunca perceber que a sua vida sexual era um assunto que não me interessava.

Consegui adormecer finalmente, envolvendo-me em sonhos complexos e sombrios.

Na manhã seguinte, entre a resposta às perguntas da avó sobre o passeio com Bill e sobre os nossos planos para o futuro, consegui fazer alguns telefonemas. Encontrei dois electricistas, um canalizador e outros especialistas que me deram números de telefone onde poderiam ser contactados à noite, certificando-me de que compreenderiam que uma chamada de Bill Compton não seria brincadeira.

Finalmente, acabei deitada ao sol, bronzendo-me, quando a avó me passou o telefone.

— É o teu patrão — disse-me. A avó gostava de Sam e devia ter dito alguma coisa para a alegrar porque sorria como o Gato de Cheshire.

— Olá, Sam — disse, possivelmente sem parecer muito satisfeita, sabendo que alguma coisa teria corrido mal no trabalho.

— A Dawn não veio hoje — disse-me.

— Oh... bolas — exclamei, sabendo que teria de ser eu a substituí-la. — Tenho planos, Sam. — Era a primeira vez que usava aquele argumento. — Quando precisas que vá?

— Podes vir das cinco às nove? Ajudaria muito.

— Terei direito a outro dia de folga?

— Que tal se a Dawn dividir um turno contigo noutra noite?

A minha resposta foi um ruído rude e a avó olhou-me com uma expressão severa. Sabia que teria direito a sermão mais tarde.

— Está bem — acabei por dizer, sem qualquer agrado. — Vemo-nos às cinco.

— Obrigado, Sookie — agradeceu. — Sabia que podia contar contigo.

Tentei não me sentir mal com aquilo. Parecia uma virtude aborrecida. Era sempre possível contar com a Sookie para ajudar porque não tem vida própria!

Obviamente, não haveria problema em visitar Bill depois das nove. De qualquer forma, passaria a noite toda acordado.

O trabalho nunca me pareceu tão lento. Tinha dificuldades em me concentrar o suficiente para manter a guarda porque pensava cons-

tantemente em Bill. Felizmente não havia muitos clientes ou teria ouvido muitos pensamentos indesejados. Mesmo assim, descobri que o período de Arlene estava atrasado e que receava estar grávida. Antes que conseguisse impedir-me, abracei-a. Olhou-me de forma inquisitiva e, a seguir, corou.

— Leste-me os pensamentos, Sookie? — perguntou, com uma expressão de desagrado. Arlene era das poucas pessoas a aceitar a minha habilidade sem tentar explicá-la e sem me considerar uma aberração. Mas reparei que também não falava frequentemente no assunto.

— Desculpa. Foi sem querer — disse-lhe. — Não consigo concentrar-me hoje.

— Muito bem. Mas mantém-te fora da minha cabeça a partir de agora. — E acenou-me com um dedo à frente da cara, fazendo dançar os caracóis flamejantes em redor da face.

Senti-me capaz de chorar.

— Desculpa — voltei a dizer, dirigindo-me ao armazém para recuperar a compostura. Precisava de controlar a expressão e reprimir as lágrimas.

Ouvi a porta abrir-se atrás de mim.

— Eu pedi desculpa, Arlene! — gritei, querendo ficar sozinha. Por vezes, Arlene confundia telepatia com a capacidade de prever o futuro. Receava que me perguntasse se estava realmente grávida. Teria melhor resultado se comprasse um teste de gravidez.

— Sookie — era Sam. Voltou-me com uma mão sobre o ombro. — O que se passa?

O tom de voz era delicado e levou-me ainda mais perto das lágrimas.

— Devias mostrar-te zangado para eu não chorar! — disse-lhe.

Riu-se, mas não muito. Rodeou-me com um braço.

— Qual é o problema? — Não desistiria sem uma resposta.

— Oh... eu... — e não consegui continuar. Nunca tinha discutido de forma explícita o meu problema (era assim que o via) com Sam ou com qualquer outra pessoa. Todos em Bon Temps conheciam os rumores sobre os motivos da minha estranheza, mas ninguém parecia compreender que era forçada a ouvir o seu palavreado mental constante, quer quisesse ou não, todos os dias, uma e outra vez...

— Ouviste alguma coisa que te perturbasse? — O seu tom era calmo e directo. Tocou-me no centro da testa para indicar que sabia perfeitamente como «ouvira».

- Sim.
- Não consegues evitá-lo, não é?
- Não.
- E odeias que assim seja, não é, querida?
- Oh sim.
- Mas a culpa não é tua, pois não?
- Tento não ouvir, mas nem sempre consigo manter a guarda.
- Senti uma lágrima, que não consegui conter, deslizar-me pela face.
- É assim que o fazes? Como manténs a guarda, Sookie?
- Parecia realmente interessado, sem pensar que era doida. Ergui a cara, vendo de perto os olhos azuis, profundos e brilhantes de Sam.
- Eu... é difícil descrever a quem não sabe como é... Ergo uma vedação... Não. Não é como uma vedação. É como se isolasse o meu cérebro dos outros com chapas metálicas.
- E tens de manter esse isolamento erguido?
- Sim. Exige muita concentração. É como dividir constantemente as ideias. É por isso que as pessoas acham que sou maluca. Metade do meu cérebro tenta manter as defesas erguidas e a outra metade pode estar ocupada com a recolha de pedidos. Por vezes, não resta grande coisa para uma conversa coerente. — Que alívio sentia apenas por poder falar sobre o assunto.
- Ouves palavras ou apenas tens impressões?
- Depende da pessoa que ouço. E do seu estado de espírito. Se estiverem bêbados ou muito perturbados, são só imagens, impressões, intenções. Se estiverem sóbrios e tranquilos são palavras e algumas imagens.
- O vampiro diz que não consegues ouvi-lo.
- Imaginar Bill e Sam a conversarem sobre mim fez-me sentir estranha.
- É verdade — admiti.
- Isso descontrai-te?
- Oh sim! — As palavras dificilmente poderiam ser mais sentidas.
- Consegues ouvir-me, Sookie?
- Não quero tentar! — respondi, prontamente. Aproximei-me da porta do armazém e pousei a mão na maçaneta. Tirei um lenço de papel do bolso dos calções e limpei o rasto da lágrima da cara. — Terei de me despedir se te ler a mente, Sam! Gosto de ti e gosto de aqui estar.
- Tenta um dia destes, Sookie — disse, casualmente, voltando-se

para abrir uma caixa de *whiskey* com a lâmina que guardava no bolso. — Não te preocupes comigo. Terás emprego aqui enquanto o quiseres.

Limpei uma mesa em que Jason entornara sal. Viera algum tempo antes para comer um hambúrguer com batatas fritas e para beber um par de cervejas.

Reflectia sobre a proposta de Sam.

Não tentaria ler-lhe a mente naquela noite. Estaria pronto para mim. Esperaria até estar ocupado com outra coisa. Poderia ouvir brevemente o que lhe passava pela cabeça. Convidara-me a fazê-lo e isso era absolutamente novo.

Era agradável ter um convite.

Compus a maquilhagem e escovei o cabelo. Usara-o solto, porque Bill parecia gostar, e importunara-me durante toda a noite. Estava quase na hora de ir e fui buscar a mala ao gabinete de Sam.

A casa dos Compton, como a da avó, situava-se a alguma distância da estrada. Era um pouco mais visível e tinha vista para o cemitério. Isto devia-se (pelo menos em parte) ao facto de se situar num ponto de maior elevação. Ficava no extremo de um relvado e tinha dois pisos completos. A casa da avó tinha duas divisões adicionais no andar de cima e um sótão, mas o piso superior não tinha a dimensão do inferior.

Em dado momento da longa história da família, os Compton tinham possuído uma casa muito agradável. Mesmo na escuridão, notava-se no edifício uma certa graça. Mas sabia que a luz do dia revelaria a tinta soltando-se em lasca dos pilares, as fracturas no revestimento de madeira e o jardim assemelhando-se a uma selva. A humidade quente do Louisiana facilmente descontrolava a vegetação e o velho Sr. Compton não fora alguém disposto a contratar alguém para lhe tratar do jardim. Quando ficou demasiado débil para se ocupar da tarefa, o quintal reverteu ao estado selvagem.

O caminho circular não era coberto com gravilha nova há muitos anos e o meu carro estremeceu até à porta dianteira. Vi que a casa estava totalmente iluminada e comeci a perceber que aquela noite não seria como a anterior. Havia outro carro parado à frente da casa. Um *Lincoln Continental* branco com tejadilho azul-escuro. Um autocolante com letras azuis sobre fundo branco no pára-choques traseiro dizia: OS VAMPIROS CHUPAM. Outro autocolante vermelho e amarelo convidava: BUZINE SE FOR DADOR DE SANGUE! Na matrícula personalizada lia-se apenas: DENTE 1.

Se Bill já tinha companhia, talvez fosse melhor voltar para casa. Mas fora convidada e era esperada. Hesitando, ergui a mão e bati à porta.

Esta foi aberta por uma vampira.

Reluzia muito. Tinha quase um metro e oitenta e era negra. Vestia roupa de material elástico. Um sutiã de desporto rosa como um flamingo e calças justas da mesma cor até à canela, com uma camisa de homem desabotoada para completar o conjunto.

Achei que tinha um ar barato e quase certamente irresistível de um ponto de vista masculino.

— Olá, pequena humana — ronronou a vampira.

E, subitamente, percebi que corria perigo. Bill advertira-me repetidamente que nem todos os vampiros eram como ele e que nem ele escapava a momentos em que não era tão agradável. Não conseguia ler a mente desta criatura, mas sentia a crueldade na sua voz.

Talvez tivesse magoado Bill. Talvez fosse sua amante.

Todas estas possibilidades me passaram pelo pensamento, mas nenhuma conseguiu alterar-me a expressão. Tinha anos de experiência. Senti o meu sorriso brilhante surgindo-me na cara como protecção e endireitei as costas antes de lhe dizer alegremente:

— Olá! O Bill pediu-me para lhe vir transmitir umas informações. Está em casa?

A vampira riu-se, algo a que estava habituada. O meu sorriso tornou-se ainda mais brilhante. Esta criatura irradiava perigo como uma lâmpada irradia calor.

— A pequena humana diz que tem informações para ti, Bill! — gritou sobre o ombro (atlético, moreno, belo).

Tentei camuflar o alívio que sentia.

— Queres recebê-la ou devo dar-lhe uma dentada de amor?

Furiosa, pensei que teria de me matar para conseguir fazê-lo e, logo a seguir, percebi que poderia ser precisamente isso que planeava.

Não ouvi a voz de Bill, mas a vampira afastou-se e entrei na velha casa. Fugir seria inútil. Conseguiria lançar-me ao chão antes de completar cinco passos. Além disso, não vira Bill e não podia ter a certeza de que estaria bem. Seria corajosa e esperaria o melhor. Tenho muito jeito para isso.

A grande sala estava apinhada de mobiliário antigo e pessoas. Não, não eram só pessoas. Percebi-o depois de olhar melhor. Duas pessoas e outros dois vampiros desconhecidos.

Os dois vampiros eram homens brancos. Um tinha um corte de cabelo rente e tatuagens cobrindo cada centímetro visível de pele. O outro era ainda mais alto do que a mulher, talvez passando o metro e noventa, com cabelo comprido e preto e um físico impressionante.

Os humanos não eram tão impressionantes. A mulher era loura e anafada, com trinta e cinco anos ou mais. Tinha um quilo de maquiagem a mais do que o aceitável. Parecia gasta como uma bota velha. O homem era diferente. Era encantador. O homem mais bonito que alguma vez vira. Não podia ter mais de vinte e um anos. Era moreno, possivelmente hispânico, baixo e de feições bem definidas. Vestia calções de ganga cortada e mais nada. Além da maquiagem. Interiorizei tudo aquilo, mas não me entusiasmei.

A seguir, Bill moveu-se e vi-o, de pé nas sombras do corredor escuro que ia da sala às traseiras da casa. Olhei-o, tentando perceber aquela situação inesperada. Para meu desgosto, não pareceu nada tranquilizante. A sua expressão era neutra, absolutamente impenetrável. Apesar de não me julgar capaz de tal pensamento, teria sido óptimo poder ouvir o que lhe passava pela cabeça.

— Agora poderemos ter um serão maravilhoso — disse o vampiro de cabelo comprido. Parecia encantado. — É uma amiguinha tua, Bill? É tão fresca.

Ocorreram-me algumas palavras adequadas que aprendera com Jason.

— Queiram desculpar-nos por um instante — disse, muito delicadamente, como se fosse uma ocasião perfeitamente normal. — Tenho contactado trabalhadores para se ocuparem da casa. — Tentei parecer sóbria e impessoal, apesar de os calções, a camisola e os ténis *Nike* não inspirarem grande profissionalismo. Mas esperei conseguir transmitir que as pessoas agradáveis que encontrei ao longo do meu dia de trabalho não poderiam constituir qualquer ameaça ou perigo.

— Ouvimos dizer que o Bill cumpria uma dieta exclusiva de sangue sintético — disse o vampiro tatuado. — Parece que fomos enganados, Diane.

A vampira inclinou a cabeça e lançou-me um olhar demorado.

— Não teria tanta certeza. Parece-me ser virgem.

Desconfiei que Diane não falava de hímenes.

Dei alguns passos casuais em direcção a Bill, esperando que me defendesse se a situação se complicasse, mas sem conseguir ter certezas absolutas. Continuava a sorrir, esperando que falasse ou se movesse.

E foi o que fez.

— A Sookie pertence-me — disse. E a sua voz era tão fria e suave que, se fosse uma pedra lançada a um lago, não teria provocado qualquer ondulação.

Olhei-o com severidade, mas tive a clareza de ideias suficiente para manter a boca fechada.

— Tens cuidado bem do nosso Bill? — perguntou Diane.

— Mete-te na puta da tua vida — respondi, empregando uma das palavras de Jason e sem deixar de sorrir. Tenho mau feitio.

Seguiu-se uma pausa breve e tensa. Todos, humanos e vampiros, pareceram examinar-me com minúcia suficiente para contar os pêlos nos meus braços. A seguir, o mais alto começou a rir e os outros imitaram-no. Enquanto gargalhavam, aproximei-me um pouco mais de Bill. Os seus olhos escuros estavam fixos nos meus. Não se ria. E percebi distintamente que desejava, tanto quanto eu, que conseguisse ler-lhe os pensamentos.

Consegui perceber que corria algum perigo. E, nesse caso, também eu.

— Tens um sorriso estranho — disse o vampiro alto, recuperando a postura séria. Preferia que tivesse continuado a rir.

— Malcolm — disse Diane —, todas as fêmeas humanas são estranhas para ti.

Malcolm puxou o humano para si e aplicou-lhe um longo beijo. Senti-me um pouco enojada. Aquele tipo de coisa devia ser mantido em privado.

— É verdade — confirmou Malcolm, afastando-se após um momento, para aparente desilusão do homem. — Mas esta tem algo raro. Talvez tenha um sangue apetecível.

— Oh — exclamou a loura numa voz capaz de lixar tinta. — É só a doida da Sookie Stackhouse.

Olhei-a com mais atenção. Reconheci-a, depois de apagar mentalmente alguns quilómetros de estrada dura e metade da maquilhagem. Janella Lennox trabalhara no *Merlotte's* durante duas semanas até Sam a despedir. Arlene contou-me que se mudara para Monroe.

O vampiro tatuado rodeou-a com o braço e acariciou-lhe os seios. Sentia o sangue fugir-me da cara. Já estava enojada. Piorou ainda mais. Janella, tão alheia à decência como o vampiro, pousou-lhe a mão entre as pernas e massajou.

Serviu, pelo menos, para ver claramente que os vampiros podiam ter sexo.

Mas essa percepção pouco contribuiu para me excitar naquele momento.

Malcolm observava-me e não consegui esconder o desagrado.

— É inocente — disse a Bill, com um sorriso pleno de avidez.

— É minha — repetiu Bill. Desta vez, num tom de voz mais intenso. Se fosse uma cascavel, o aviso não poderia ser mais claro.

— Bill, não me convences de que essa coisinha te dá tudo o que precisas — disse Diane. — Pareces pálido e abatido. Não tem cuidado bem de ti.

Aproximei-me mais um centímetro de Bill.

— Porque não provas a mulher do Liam — sugeriu Diane, que eu começava a odiar — ou Jerry, o rapazinho bonito do Malcolm.

Janella não reagiu à oferta, talvez por estar demasiado ocupada a abrir o fecho das calças de Liam, mas Jerry, o atraente namorado de Malcolm, deslizou prontamente até Bill. Eu sorri com os dentes cerrados, quase sentindo os maxilares estalar, quando rodeou Bill com os braços, cheirando-lhe o pescoço e esfregando-lhe o peito contra a camisa.

O esforço na expressão do meu vampiro era uma visão terrível. Os caninos expuseram-se e, pela primeira vez, vi-os na sua máxima dimensão. Era verdade que o sangue sintético não satisfazia todas as suas necessidades.

Jerry começou a lambar um ponto na base do pescoço de Bill. O esforço de manter as defesas começava a ser demasiado. Com três dos presentes sendo vampiros, cujos pensamentos não conseguia ouvir, e com Janella ocupada, sobrava Jerry. Ouvi e choquei-me.

A tentação fazia estremecer Bill e baixava a cabeça para cravar os caninos no pescoço de Jerry quando gritei:

— Não! Ele tem o sino-vírus!

Como se fosse subitamente liberto de um encanto, Bill olhou-me sobre o ombro de Jerry. A sua respiração era ofegante, mas retraiu os caninos. Aproveitei o momento para me aproximar mais até ficar a um metro de Bill.

— Sino-SIDA — disse.

Vítimas alcoolizadas e drogadas afectavam temporariamente os vampiros e dizia-se que alguns apreciavam os efeitos, mas o sangue de um humano com SIDA activa não tinha efeito, sucedendo o mesmo

com as doenças transmitidas sexualmente ou outros vírus que afligiam os humanos.

Com a excepção da sino-SIDA. Nem a sino-SIDA conseguia matar os vampiros com a eficácia com que o vírus da SIDA mata humanos, mas deixava os não-mortos muito fracos durante quase um mês, sendo relativamente fácil apanhá-los e cravar-lhes uma estaca durante esse período. E, ocasionalmente, se um vampiro se alimentasse de um humano infectado mais do que uma vez, acabaria por morrer (novamente?) sem necessidade de estaca. Ainda era raro nos Estados Unidos, mas o sino-vírus tornava-se mais comum em portos como Nova Orleães, onde marinheiros e outros viajantes de muitos países chegavam à cidade dispostos a passar um bom bocado.

Os vampiros ficaram imóveis, olhando Jerry como se fosse a morte disfarçada e, para eles, talvez fosse.

O rapaz apanhou-me de surpresa. Voltou-se e lançou-se sobre mim. Não era um vampiro, mas era forte. Obviamente, a doença não se manifestara há muito tempo. Conseguiu projectar-me contra a parede à minha esquerda. Rodeou-me o pescoço com a mão e ergueu a outra para me esmurrar a cara. Erguia os braços para me proteger quando a mão de Jerry foi travada e o seu corpo se imobilizou.

— Larga-lhe o pescoço — disse Bill, com uma voz tão assustadora que consegui assustar-me a mim. Os sustos sucediam-se a um ritmo tão avassalador que achei não conseguir voltar a sentir-me segura. Mas os dedos de Jerry não me largaram e, sem querer, emiti um pequeno ruído de desconforto. Olhei para o lado e, pela expressão lívida de Jerry, percebi que Bill lhe segurava a mão, Malcolm puxava-o pelas pernas e Jerry estava tão assustado que não conseguia perceber o que esperavam dele.

A sala começou a tornar-se turva e as vozes iam a vinham. A mente de Jerry embatia contra a minha. Não conseguia mantê-lo fora. Tinha a cabeça repleta de visões do amante que lhe transmitira o vírus, um amante que o trocara por um vampiro, um amante que Jerry assassinara num ímpeto de raiva assassina. Via a morte aproximar-se sob a forma dos vampiros que quisera matar e não estava satisfeito com a vingança concretizada pelos que conseguira infectar.

Consequia ver a cara de Diane sobre o ombro de Jerry e percebi que sorria.

Bill partiu o pulso de Jerry.

Este gritou e caiu ao chão. O sangue voltou a chegar-me ao cérebro e quase desmaiei. Malcolm ergueu Jerry e levou-o até ao sofá de forma tão casual como se transportasse um tapete enrolado. Mas a expressão de Malcolm era tudo menos casual. Soube que Jerry teria sorte se morresse depressa.

Bill colocou-se à minha frente, ocupando o lugar onde antes se erguera Jerry. Os seus dedos, os dedos que tinham acabado de partir um pulso, massajaram-me o pescoço com a delicadeza da minha avó. Pousou-me um dedo sobre os lábios para assegurar que guardaria silêncio.

Depois, rodeando-me com um braço, voltou-se para encarar os outros vampiros.

— Isto foi muito divertido — disse Liam. A sua voz era fria, como se Janella não lhe aplicasse uma massagem íntima sobre o sofá. Não se movera durante todo o incidente. Tinha tatuagens que só agora se tornavam visíveis e que nunca teria conseguido imaginar. Senti-me à beira do vômito. — Mas acho que devo voltar a Monroe. Temos de dar um passeio com Jerry quando acordar, não é, Malcolm?

Malcolm deitou o corpo inconsciente de Jerry sobre o ombro e acenou a cabeça a Liam. Diane parecia desiludida.

— Rapazes — protestou —, não descobrimos como a pequena soube.

Os dois vampiros olharam-me em simultâneo. De forma muito casual, Liam perdeu um segundo para atingir o clímax. Sim, os vampiros conseguiam realmente fazê-lo. Já não restavam dúvidas. Após um breve suspiro de satisfação, disse:

— Obrigado, Janella. É uma boa pergunta, Malcolm. Como sempre, a nossa Diane foi directa ao assunto. — E os três vampiros visitantes riram como se aquilo fosse uma excelente piada, mas, para mim, fora tenebrosa.

— Ainda não consegues falar, não é, querida? — Bill apertou-me o ombro enquanto perguntava, como se não conseguisse perceber a dica.

Abanei a cabeça.

— Talvez eu conseguisse fazê-la falar — disse Diane.

— Estás a esquecer-te, Diane — disse Bill, com delicadeza.

— Ah, sim. É tua — recordou Diane. Mas não parecia demasiado convencida.

— Teremos de combinar outra visita — disse Bill. A sua voz deixava claro que os outros teriam de partir ou enfrentá-lo.

Liam ergueu-se, puxou o fecho das calças e fez um gesto à sua humana.

— Vamos, Janella. Estamos a ser despejados. — As tatuagens moviam--se sobre os seus braços enquanto se esticava. Janella passou-lhe as mãos pelas costelas, como se não conseguisse impedir-se de lhe tocar, e foi enxotada sem esforço, como se fosse apenas uma mosca. Pareceu vexada, mas não destroçada como eu me sentiria. Obviamente, não se tratava de uma forma de tratamento nova.

Malcolm levou Jerry pela porta fora sem mais uma palavra. Se tivesse contraído o vírus por beber o sangue de Jerry, este ainda não se manifestara. Diane foi a última a sair, lançando uma bolsa sobre o ombro e despedindo-se com um olhar brilhante.

— Deixo os dois pombinhos a sós. Foi divertido, amor — disse, antes de fechar a porta atrás de si.

Assim que ouvi o motor do carro lá fora, desmaiei.

Nunca me acontecera tal coisa em toda a vida e esperei que não voltasse a acontecer, mas achei que tinha justificação para isso.

Parecia comum ficar inconsciente quando Bill estava por perto. Tratava-se de um pensamento crucial e sabia que merecia reflexão cuidada, mas não naquele momento. Quando recuperei os sentidos, recordei tudo o que vira e ouvira e o enjoo venceu-me. De imediato, Bill fez-me curvar sobre o braço do sofá, mas consegui manter a comida no estômago, talvez por não ter comido grande coisa.

— Todos os vampiros se comportam assim? — sussurrei. Tinha o pescoço dorido onde Jerry apertara. — Foram horríveis.

— Tentei apanhar-te no bar quando descobri que não estavas em casa — disse Bill. A sua voz era neutra. — Mas já tinhas saído.

Apesar de saber que não ajudaria, comecei a chorar. Tinha a certeza de que Jerry morreria e senti que deveria ter feito alguma coisa para o impedir, mas não podia ficar calada quando estava prestes a infectar Bill. Havia tantas coisas naquele pequeno episódio a perturbarem-me tão profundamente que não sabia por onde começar. Num período que teria rondado os quinze minutos, rezeira pela vida, rezeira pela vida de Bill (pela sua existência, pelo menos), fora forçada a presenciar actos sexuais que deveriam ser privados, vira o meu potencial namorado possuído por uma luxúria sanguínea (com ênfase na luxúria) e quase fora estrangulada até à morte por um prostituto doente.

Pensando melhor, permiti-me chorar. Endireitei as costas e chorei, secando a cara com o lenço que Bill me passara. A minha curiosi-

dade acerca dos motivos que levariam um vampiro a precisar de um lenço eram apenas uma centelha de normalidade entre a torrente nervosa das lágrimas.

Bill foi suficientemente sensato para não me abraçar. Sentou-se no chão e afastou graciosamente os olhos enquanto me assoava.

— Quando os vampiros vivem em ninhos — disse, subitamente —, é frequente tornarem-se mais cruéis porque se incentivam uns aos outros. Convivem diariamente com outros vampiros e recordam como estão distantes dos humanos. Passam a viver segundo regras próprias. Vampiros como eu, que vivem sozinhos, recordam melhor a anterior humanidade.

Ouvi a sua voz tranquilizante, enquanto se esforçava lentamente para me explicar o inexplicável.

— Sookie, a nossa vida é sedutora e cativante e assim tem sido durante séculos, para alguns de nós. O sangue sintético e a aceitação receosa dos humanos não mudarão isso do dia para a noite. Ou mesmo numa década. Diane, Liam e Malcolm estão juntos há cinquenta anos.

— Que adorável — disse, notando algo na voz que nunca antes sentira: azedume. — Estão a comemorar as bodas de ouro.

— Conseguirás esquecer isto? — perguntou Bill. Os seus enormes olhos escuros aproximaram-se cada vez mais. A sua boca estava a cinco centímetros da minha.

— Não sei. — As palavras saíram-me sem sequer pensar. — Sabes que não tinha a certeza de que seriam capazes?

Ergueu as sobrancelhas sem perceber.

— Capazes de quê?

— De... — e parei, tentando pensar numa forma menos desagradável de referir o assunto. Vira mais obscenidade naquela noite do que em toda a vida e não queria dar também o meu contributo. — De uma erecção — disse, evitando-lhe o olhar.

— Agora já sabes. — Parecia esforçar-se por não rir. — Podemos ter sexo, mas não podemos gerar crianças ou dá-las à luz. Não te faz sentir melhor que Diane não possa ter filhos?

Estourei os fusíveis. Abri muito os olhos e fitei-o com firmeza.

— Não... te... rias... de... mim.

— Oh, Sookie — disse, erguendo a mão para me tocar na face.

Esquivei-me e ergui-me com esforço. Ele não me ajudou e ainda bem. Permaneceu sentado no chão, olhando-me com uma expressão

inabalável e indefinida. Os seus caninos permaneciam retraídos, mas continuava a ter fome. Era pena.

A minha mala estava no chão junto à porta. Não caminhava com grande segurança, mas caminhava. Tirei a lista de electricistas do bolso e deixei-a sobre uma mesa.

— Tenho de ir.

E ali estava ele, à minha frente. Voltara a fazer uma daquelas coisas que os vampiros faziam.

— Posso dar-te um beijo de boas noites? — perguntou, com as mãos caídas ao longo do corpo, deixando bem claro que não me tocaria até o autorizar.

— Não — respondi, com veemência. — Não depois deles.

— Irei visitar-te.

— Sim. Talvez.

Esticou-se para me abrir a porta, mas achei que se esticava para mim e estremeci.

Voltei-me e quase corri para o carro, com as lágrimas novamente a toldar-me a visão. Congratulei-me por a viagem até casa ser tão curta.